

# TEXTOS CPDOC

**O ESTILO POLÍTICO DA BICA  
D'ÁGUA: o Chaguismo na Guanabara  
1969-1974**

*Adriana de Albuquerque Trindade*

Texto Cpdoc nº 37  
(2000)

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil  
Fundação Getúlio Vargas

Praia de Botafogo 190 - 14º andar - Rio de Janeiro - Cep 22253-900 - Telefone (55-21) 559-5677 - Fax (55-21) 559-5679  
E-mail: cpdoc@fgv.br

981.53  
T832 e

**O ESTILO POLÍTICO DA BICA  
D'ÁGUA: o Chaguismo na Guanabara  
1969-1974**

*Adriana de Albuquerque Trindade*

Texto Cpdoc nº 37  
(2000)

*Conselho Editorial dos Textos CPDOC  
Maria Celina D'Araujo; Helena Maria B.Bomeny e Carlos Eduardo Sarmento*



FUNDAÇÃO PETRÔNIO VARGAS  
CPDOC

15963/98  
( 11/07/02 )

## **ÍNDICE**

### **Apresentação**

### **Introdução**

#### **Capítulo 1: Movimento Democrático Brasileiro – a criação do partido**

##### **1.1. A estruturação partidária do MDB**

##### **1.2. Período de 1966 a 1970: do surgimento à crise**

##### **1.3. 1970: crise no plano nacional e ascensão na Guanabara**

##### **2. Processo de reestruturação do MDB da Guanabara: início da ascensão do chaguismo**

##### **2.1. A influência do campo político e do chaguismo na especificidade do MDB da Guanabara**

#### **Capítulo 2: Chaguismo e a sua prática política clientelista**

##### **2.1. O capital político de Chagas Freitas**

##### **2.2. *O Dia*: instrumento eleitoral do chaguismo**

#### **Capítulo 3: Políticos chaguistas: Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim**

##### **3.1. Colunas de Miro Teixeira**

Campanha eleitoral de 1970

Período entre as eleições

Campanha eleitoral de 1974

### **3.2 Colunas de Marcelo Medeiros**

Campanha eleitoral de 1970

Período entre as eleições

Campanha eleitoral de 1974

### **3.3 Colunas de Sandra Salim**

Período pré-eleitoral

Campanha eleitoral de 1974

### **Conclusão**

### **Bibliografia**

## APRESENTAÇÃO

*O estilo político da bica d'água: o chaguismo na Guanabara (1969-74)*, de Adriana de Albuquerque Trindade, foi originalmente uma monografia de fim de curso, apresentada em 1999 como requisito para obtenção do grau de bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação de Marieta de Moraes Ferreira.

O interesse de Adriana pela história política do Rio de Janeiro começou em 1996, quando, graças a uma bolsa do PIBIC-CNPq, começou a trabalhar, sob minha orientação, no projeto *Elites políticas do Rio de Janeiro (1930-75)*. Observadora privilegiada, pude acompanhar de perto o processo de elaboração desse trabalho, e posso, agora, atestar o feliz resultado do investimento feito pelo CPDOC na formação de jovens pesquisadores da área de História e Ciências Sociais.

*Marly S. Motta*  
*Núcleo de Estudos e Pesquisas do Rio de Janeiro/CPDOC*

## Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar o chaguismo, um poderoso fenômeno político que dominou o cenário político carioca na década de 1970. Para tanto, iremos acompanhar as trajetórias políticas de Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim,<sup>1</sup> políticos que, lançados por Chagas Freitas, consolidaram suas carreiras praticando o estilo político chamado de chaguista, e utilizando-se do jornal *O Dia* como principal instrumento de comunicação com o eleitorado. O comportamento político de Miro, Sandra e Marcelo será analisado com vistas a definir um padrão de identificação com a população da Guanabara. Escolhemos o período de 1969 a 1974 em virtude de abranger quatro momentos que definiram a força política da corrente chaguista: a conquista, em 1969, do controle dos diretórios zonais da Guanabara por Chagas Freitas, quando elegeu o diretório

regional; a eleição indireta de Chagas Freitas em 3 de outubro de 1970, transformando-o no único governador do MDB no país; e os expressivos resultados eleitorais de 1970 e de 1974. Assim, definimos este período como a fase de construção e consolidação do chaguismo enquanto força política.

Acompanhando o discurso político veiculado através do jornal *O Dia*, buscaremos entender as formas pelas quais esses políticos chaguistas formaram suas bases eleitorais, e como as colunas do jornal possibilitaram a criação de laços políticos de identificação com o eleitorado que, nos momentos de eleição, se reproduziram em votos. Interessou-me a análise da trajetória desses políticos por considerar que surgiram no cenário político carioca como um grupo que centralizava seu discurso nos temas sociais de interesse local, impulsionando uma prática política voltada para as necessidades locais.

No primeiro capítulo, “Movimento Democrático Brasileiro – a criação do partido”, tentaremos mostrar a especificidade do MDB carioca, ou seja, como a partir do controle de Chagas

---

<sup>1</sup> Marcelo Medeiros na sua primeira eleição, em 1970, foi eleito o deputado federal mais votado da GB com 112.283 votos, reelegendo-se, em 1974, com uma votação menos expressiva. Nessa eleição o grande destaque foi para Miro Teixeira, eleito em 1970, com apenas 21.000 votos, em 1974 foi reeleito como o deputado federal mais votado, com 265.584 votos. Sandra Salim eleita pela primeira vez deputada estadual em 1970

---

obteve a maior votação da GB, 84.041 votos. Ver

Freitas o partido definiu e construiu uma particularidade que o distinguia da estruturação e atuação do MDB nacional. Enquanto na Guanabara o MDB se tornara o partido majoritário na Assembleia Legislativa, nacionalmente os emedebistas percorriam o caminho inverso, ao sofrerem uma crise eleitoral em 1970. Para tanto, faremos um histórico da trajetória do partido, desde a sua fundação em 1966, até a crise nacional e a ascensão da corrente chaguista na seção carioca do partido ocorrida em 1970. Procurando definir as especificidades do MDB da Guanabara, trabalharemos também a idéia de que assim como o espaço político carioca atuou na particularização do partido, o surgimento do chaguismo também contribuiu para tornar o MDB/GB um partido forte eleitoralmente. Ainda neste capítulo, definiremos o MDB como um partido de quadros e de formação eleitoral conforme tipologia de Maurice Duverger, e como o MDB da Guanabara se enquadra na conceituação de *máquina política* formulada por Robert Merton.

No segundo capítulo, “Chaguismo e a sua prática política clientelista”,

trataremos da influência de Chagas Freitas para a construção do sistema política que se convencionou chamar de “chaguismo”. Nosso foco será o de definir a prática política clientelista exercida pelos políticos chaguistas, entendendo-a como um desdobramento do estilo político do próprio Chagas Freitas. Trabalharemos a força eleitoral de Chagas Freitas e a utilização do jornal *O Dia* como instrumento de conquista de votos e como base de sustentação do fenômeno chaguista. Utilizaremos o conceito de *capital político* de Bourdieu para classificar a bagagem eleitoral de Chagas e do jornal *O Dia*.

No terceiro e último capítulo, “Políticos chaguistas: Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim”, trabalharemos com as colunas por eles escritas no jornal *O Dia*. Priorizamos essas colunas por acreditar serem elas o principal meio de comunicação desses políticos com o eleitorado. Explorando e analisando seus temas, argumentos e linguagem definiremos as formas de relacionamento desses políticos com o eleitorado. Dividiremos a análise das colunas entre os períodos pré-eleitorais e os períodos sem eleição, a fim de verificar

se houve mudança no perfil dos discursos. Trabalhando a trajetória política de cada um, observaremos a evolução do espaço político por eles ocupado entre as eleições de 1970 e de 1974. Enfim, poderemos caracterizar o discurso e o estilo chaguista em suas fases de ascensão e de consolidação no cenário político carioca.

## **Capítulo 1- Movimento Democrático Brasileiro - a criação do partido**

Em 27 de outubro de 1965, o *Comando Supremo da Revolução* decretou o Ato Institucional nº 2 que, entre outras medidas, estabeleceu a extinção dos partidos políticos. A isso, seguiu-se a montagem de um novo sistema político, iniciado pelo Ato Complementar nº 4, editado em novembro desse mesmo ano, que, ao criar o bipartidarismo, marcava o fim do sistema pluripartidário vigente no país desde 1945.

Com a extinção dos partidos políticos, o governo militar visava a impedir que as forças políticas e a estruturação partidária dos antigos partidos, principalmente PTB e PSD, pressionassem o novo governo. A decisão por um sistema bipartidário, no qual um partido seria do governo e o outro agruparia os elementos de oposição, pode ser entendida como uma estratégia dos militares no sentido de legitimar o regime, caracterizando a natureza autoritária do movimento que depôs um presidente legitimamente eleito pelo voto direto. Desse modo, a existência de um

partido de oposição, criado por iniciativa do próprio governo federal, somada à preservação das eleições diretas para as assembleias legislativas e para a Câmara dos Deputados, constituíram o novo quadro no qual as forças políticas tiveram que se reorganizar, garantindo a "fachada democrática" criada pelo regime militar.

O primeiro passo para a formação de novos partidos foi a Lei Orgânica dos Partidos Políticos de 1965. Como essa lei não havia sido homologada, os partidos puderam se apresentar sem terem cumprido todas as exigências legais. Em razão também da alusão do Ato Complementar nº 4 à formação de organizações provisórias para concorrer às eleições de legislativas de 1966, mesmo sem terem conseguido criar diretórios regionais em pelo menos metade dos estados, no dia 24 de março de 1966 a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o MDB foram legalmente reconhecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral como organizações partidárias.

A principal dificuldade enfrentada pelo MDB seria o fato de ele ser um partido criado fora do governo e destinado a permanecer fora dele. A perspectiva de atuar num partido de

oposição dentro de um regime político autoritário, que dificilmente conseguia chegar ao poder, não era nada convidativa. Ainda mais diante das constantes cassações dos mandatos de políticos opositores ao regime. O primeiro Ato Institucional, editado em 9 de abril de 1964 pelo governo militar, suspendeu os direitos políticos de 50 deputados federais e nove suplentes, deixando o Congresso Nacional com poucos membros realmente atuantes na oposição. Notamos assim o quão difícil foi a montagem do núcleo organizacional do partido.

Uma outra dificuldade, também compartilhada pela Arena, foi a

convivência, em um mesmo espaço político, de tendências ideológicas e interesses locais divergentes. No MDB, conviviam tanto elementos da esquerda que se opuseram ao golpe de março de 1964, quanto integrantes dos extintos PTB, PSD e até da UDN. Conforme Maria D'Alva Kinzo, 64% dos membros do MDB na Câmara Federal filiados em 1966 vieram dos partidos trabalhistas (principalmente do PTB) e 29% pertenceram ao PSD. (ver tabela 1.1) É importante ressaltar que o MDB, assim como a Arena, foram organizados por pessoas que já se encontravam atuando dentro da estrutura política do Estado.

**Tabela 1.1: Filiação à Arena e ao MDB dos membros dos antigos partidos na Câmara Federal, em 1966.**

<b>Partidos Antigos</b>	<b>Arena</b>	<b>Novos Partidos MDB</b>	<b>Total</b>
<b>Conservadores</b>			
UDN ( União Democrática Nacional)	86	9	95
PSD ( Partido Social Democrático)	78	43	121
PSP ( Partido Social Progressista)	18	2	20
PR ( Partido Republicano)	4	—	—
PL ( Partido Liberal)	3	—	3
PRP ( Partido de Representação Popular)	5	—	5
<b>Trabalhistas / Reformistas</b>			
PTB ( Partido Trabalhista Brasileiro )	38	78	116
PDC ( Partido Democrata Cristão)	13	6	19
PTN ( Partido Trabalhista Nacional )	8	4	12
PST ( Partido Social Trabalhista)	2	—	2
MTR ( Movimento de Renovação Trabalhista)	—	3	3
PSB ( Partido Socialista Brasileiro)	—	2	2
<b>Não Filiados</b>	—	—	3
<b>Total</b>	<b>257</b>	<b>149</b>	<b>409</b>

Fonte: *Anais da Câmara dos Deputados*, lista de membros da Câmara, sessões de 2-10 de fevereiro de 1966 e de 13 de dezembro de 1966 a 5 de janeiro de 1967, 5ª Legislatura ( 1963-1967).

### 1.1 A estruturação partidária do MDB

Para analisar a estruturação inicial do MDB utilizaremos a tipologia proposta por Maurice Duverger no livro *Os partidos políticos*, segundo a qual os partidos políticos são divididos em dois tipos: os que têm sua origem no campo eleitoral e parlamentar e os de origem externa.<sup>2</sup> Diante desses dois modelos de partido, o MDB se aproximaria do primeiro, em virtude de ter sido organizado por parlamentares com mandato. No entanto, o MDB caracteriza-se como um partido que, embora de origem interna, não resultou da vontade própria e espontânea de seus membros, e sim por determinação arbitrária e autoritária do governo federal. Além do mais, foi formado por um conjunto de parlamentares que estava longe de ser um grupo de origem, identidades e idéias comuns, em razão da diversidade

ideológica e partidária que os caracterizava. Como não foi fruto de um movimento democrático, e sim produto de uma imposição do governo federal, o MDB surgiu com o caráter de frente parlamentar, formada por políticos de origem e ideologias diferentes, que se uniram, por um lado, pelo fato de não concordarem com a situação do país, e, por outro, em função de ser o MDB, naquele momento, o único canal disponível de oposição.

Dessa forma, embora considerando o MDB um partido de origem eleitoral e parlamentar, não poderemos a ele aplicar a afirmação de Duverger de que “a criação eleitoral e parlamentar dos partidos corresponde a uma certa fase da evolução democrática, a do estabelecimento progressivo do sufrágio universal”.<sup>3</sup> Passávamos, sim, por uma situação exatamente oposta, já que havia o estabelecimento progressivo de um sistema político-eleitoral fechado e repressivo, no qual, mesmo com as eleições para os legislativos estaduais e nacional preservadas, a participação política da população se fazia de maneira

---

<sup>2</sup> Segundo Maurice Duverger, define-se como partido político de origem externa aquele que se estruturou a partir de “uma instituição pre-existente, cuja própria atividade se situa fora das eleições e do parlamento” como por exemplo sindicatos e organizações religiosas. Duverger, Maurice. *Os partidos políticos*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

cerceada e controlada pelo governo, através da censura à imprensa e da repressão aos críticos e opositores do governo. Seguindo a definição de Duverger, podemos classificá-lo, pois, como uma partido de quadros e não de massas.

O partido nasceu formalmente em 24 de março de 1966, tendo sido longo e difícil o seu processo de estruturação. Quando falo em dificuldades de estruturação, quero dizer com isso que o MDB enfrentou inúmeros obstáculos até conseguir se fazer presente em um número considerável de municípios do país. Segundo dados de Maria D'Alva Kinzo, até 1974 a organização do MDB atingia somente 1.100 municípios, cerca de 28% do total, só conseguindo ampliar sua estrutura organizacional após o sucesso eleitoral de 1974, quando chegou a constituir diretórios em aproximadamente 80% dos municípios brasileiros.<sup>4</sup>

O processo de estruturação partidária do MDB foi difícil, o partido enfrentava resistências de naturezas

distintas: de um lado, grupos ligados ao governo federal o viam como uma ameaça à “segurança nacional”, por outro lado, a esquerda o criticava por considerá-lo um produto do regime militar. Além disso, as regras para formação dos partidos políticos eram muito rígidas. A Lei Orgânica dos Partidos Políticos de 1965 dizia que, para ser legalmente reconhecido, um partido deveria criar diretórios regionais em no mínimo metade dos estados do país, e que um diretório regional somente poderia ser fundado se o partido tivesse criado organizações locais em pelo menos 1/4 dos municípios do estado.

## 1.2 Do surgimento à crise: 1966 a 1970

Legalmente reconhecidos em 1966, Arena e MDB tinham dois anos para se estruturarem, prazo que foi estendido devido à repressão política ocorrida no final de 1968. Com a edição do Ato Institucional nº 5, foram cassados 45% dos parlamentares do MDB no Congresso Nacional, e decretado o recesso do Congresso e de várias assembleias estaduais. Os únicos estados onde o MDB conseguiu representação

<sup>3</sup> Duverger, Maurice. *Op. Cit.*, p. 33.

<sup>4</sup> Kinzo, Maria D'Alva Gil. *Oposição e autoritarismo; gênese e trajetória do MDB 1966/1979*. São Paulo, Vértice, 1988, p. 41.

proporcionalmente maior que a Arena foi na Guanabara, no Rio Grande do Sul e no Estado do Rio.

Tabela 1.2: Composição das Assembléias Legislativas eleitas em 1966.

Representação Partidária		
Unidades da Federação	Arena	MDB
Acre	9	6
Alagoas	24	11
Amazonas	20	10
Bahia	48	12
Ceará	49	16
Espírito Santo	30	13
Goiás	25	14
Guanabara	15	40
Maranhão	31	9
Mato Grosso	23	7
Minas Gerais	63	19
Pará	33	8
Paraíba	25	15
Paraná	37	8
Pernambuco	51	14
Piauí	34	8
Rio de Janeiro	28	34
Rio Grande do Norte	37	3
Rio Grande do Sul	27	28
Santa Catarina	34	11
São Paulo	62	53
Sergipe	26	6

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral - Dados estatísticos ( 8º volume): eleições federais e estaduais realizadas no Brasil em 1965 e 1966. Departamento de Imprensa Nacional, 1971.

De 1966 a 1970, o MDB atuou formalmente no cenário político nacional, enfrentando crises internas protagonizadas pelos diversos grupos que compunham o partido. O caráter de frente parlamentar, que acabou por definir essa primeira fase do MDB, se justifica pela existência de diversas ideologias. Conviviam na legenda oposicionista conservadores, liberais, sociais-democratas, reformistas, esquerdistas, enfim uma frente que somente se unia no objetivo comum de

lutar pelo restabelecimento da democracia. Formaram-se assim dois grandes grupos dentro do partido: os moderados e os radicais.<sup>5</sup> Segundo Maria D'Alva Kinzo, tais segmentos se complementavam, pois enquanto os

<sup>5</sup> Os moderados desempenhavam um papel político mais cauteloso, evitando o confronto com o governo federal, constituíam a maioria do partido; já os radicais, também denominados Autênticos, defendiam e desempenhavam um papel oposicionista mais agressivo, criticando fortemente o Regime Militar e as políticas governamentais. Ver Kinzo, Maria D'Alva. *Op. Cit.*

moderados mantinham a imagem do MDB como oposição confiável, o outro grupo dava credibilidade ao MDB como partido de oposição.<sup>6</sup>

As eleições de 1966 significaram um fracasso eleitoral para o MDB nacional. (ver tabela 1.3) Além disso, o partido não conseguia se expressar no Congresso Nacional, uma vez que os entendimentos na bancada oposicionistas não convergiam rumo a uma posição comum, em razão dos muitos embates entre os próprios emedebistas. As dificuldades eram tantas que o senador Oscar Passos, presidente nacional do MDB, sugeriu, em junho de 1966, a autodissolução do partido, por considerar que o mesmo não tinha condições de concorrer às eleições legislativas daquele ano. Essa proposta foi aventada em diversas outras ocasiões, sempre que os políticos se viam cerceados nas suas tentativas de organização partidária, como ocorreu durante o período em que o Congresso esteve fechado, de dezembro de 1968 a outubro de 1969, ou mesmo após a derrota nas eleições de 1970.

Mil novecentos e setenta foi o marco da grande derrota nacional do

MDB. Com a intensificação do autoritarismo e do cerceamento político, subsequente à edição do AI-5, o comportamento do MDB, que até 1968 vinha tendendo à radicalização, inclinou-se à moderação, em razão da diminuição do espaço político disponível para atuação partidária, e também como reflexo dos expurgos que retiraram da vida política brasileira os mais preeminentes líderes da oposição. Essa moderação veio a confirmar a visão de um partido oposicionista de fachada. A não confrontação do partido com o governo, justamente no período mais autoritário, fez com que muitos se afastassem da legenda por não a verem mais como o veículo possível de críticas ao governo. Desse modo concordamos com Kinzo: "uma das causas da derrota fragorosa do MDB nas eleições legislativas de 1970 foi sua incapacidade de expressar os sentimentos oposicionistas daqueles que não apoiavam a Arena".<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Kinzo. Maria D'Alva. op. cit. p. 58.

<sup>7</sup> Kinzo, M. D'Alva. op. cit. p. 129.

**Tabela 1.3: Representação partidária da Câmara dos Deputados eleita em 1966.**

<b>Unidades da Federação</b>	<b>Arena</b>	<b>MDB</b>
Acre	4	3
Alagoas	6	3
Amazonas	5	2
Bahia	25	6
Ceará	16	5
Espírito Santo	6	2
Goiás	8	5
<b>Guanabara</b>	<b>6</b>	<b>15</b>
Maranhão	13	3
Mato Grosso	6	2
Minas Gerais	37	11
Pará	8	2
Paraíba	8	5
Paraná	20	5
Pernambuco	19	5
Piauí	7	1
<b>Rio de Janeiro</b>	<b>10</b>	<b>11</b>
Rio Grande do Norte	7	—
<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>14</b>	<b>15</b>
Santa Catarina	11	3
São Paulo	32	27
Sergipe	6	1
Território do Amapá	1	—
Território de Roraima	1	—
Território de Rondônia	1	—
<b>Total</b>	<b>277</b>	<b>132</b>

Como partido opositorista, o MDB não dispunha de recursos para a prática clientelista de conquista de votos. Sua única alternativa eleitoral era a construção de uma imagem de credibilidade que o diferenciase da Arena, de modo a atrair os votos daqueles que se opunham ao governo. No entanto, ao assumir uma postura política moderada, após o AI-5, o MDB fez

justamente o contrário, maculando sua frágil imagem de partido opositorista.

Para entendermos o fracasso eleitoral do MDB nacional nas eleições de 1970 devemos considerar outros fatores.<sup>8</sup> O controle que o governo federal possuía sobre o processo eleitoral era algo

<sup>8</sup> Dos votos válidos para o Senado a Arena obteve 44% contra 29% para o MDB e para Câmara

incontestável, pois alcançava desde as regras da disputa eleitoral até a manipulação da máquina burocrática como meio de arregimentar apoio eleitoral para os candidatos do partido oficial. Isso sem mencionar o poder de intimidação do governo, manifestado através das ações policiais: dias antes do pleito de novembro de 1970, foi realizada a "Operação Gaiola", que prendeu aproximadamente 5.000 suspeitos de planejarem atentados a bomba e seqüestros. Outro fator relevante foram os altos índices de abstenções e de votos nulos, em resposta à campanha da esquerda pelo voto em branco como protesto ao sistema manipulado pelo governo: registraram-se 22% de votos em branco para o Senado e 21% para a Câmara. (ver tabela 1.4)

**Tabela 1.4: Comparação percentual entre as eleições de 1966 e 1970.**

	1966	1970	Diferença verificada entre os dois períodos
<b>Arena</b>	50,51	48,44	- 2,07
<b>MDB</b>	28,43	21,29	- 7,14
<b>Votos em Branco</b>	14,24	20,91	+ 6,67
<b>Votos Nulos</b>	6,81	9,35	+ 2,54
<b>Votos Válidos</b>	93,19	90,65	- 2,54

Fonte: TSE - Dados estatísticos ( 9º volume): eleições federais e estaduais realizadas no Brasil em 1970. Departamento de Imprensa Nacional, 1973.

### 1.3 1970: crise no plano nacional e ascensão na Guanabara

Nacionalmente o MDB enfrentava uma enorme crise, a ponto de alguns membros influentes se manifestarem, após a derrota nas eleições de 1970, em favor da dissolução do partido. Argumentavam que, diante do abuso de poder do Executivo, não fazia sentido a participação do partido no jogo político, pois assim estariam legitimando a atitude do governo federal. No entanto, mais uma vez, essa tese não logrou êxito, pois apesar de o sistema político ser controlado e manipulado pelo governo, ele ainda se constituía no único espaço

legal para atuação e sobrevivência da oposição.

Diante da derrota de 1970, moderados e radicais<sup>9</sup> passaram a se chocar em matéria de estratégia e tática. Os dois grupos sempre divergiram em sua ação oposicionista, tendo havido, desde a criação do MDB, uma espécie de revezamento na orientação seguida pelo partido. Os moderados pregavam uma linha de cautela, buscando sempre evitar confrontos diretos com o governo federal, enquanto os radicais defendiam uma

<sup>9</sup> Denominamos de radicais a ala emedebista mais progressista, que atuava mais agressivamente criticando as políticas governamentais do Regime Militar. Esse grupo de oposicionistas que atuava mais criticamente recebeu diversas denominações por parte da imprensa: grupo de imaturos, em

postura agressiva de protesto contra as ilegalidades e arbitrariedades do governo militar.

Como afirmamos anteriormente, até 1968 o partido na Guanabara atuava mais incisivamente contra o governo, sendo as principais lideranças do partido ligadas a esta ala mais radical. No entanto o AI-5 afastou esses opositores radicais, abrindo espaço para os moderados assumirem o controle do partido. Porém com o resultado das eleições de 1970, os radicais passaram a fazer pressão sobre a cúpula do partido para que adotasse uma postura mais agressiva. Tentaram assumir a liderança do partido, mas perderam, em abril de 1972, a eleição para o diretório nacional.

Nesse momento em que o partido enfrentava dificuldades no nível nacional, na Guanabara a situação eleitoral do partido opositorista manteve-se majoritária. Desde a instauração do bipartidarismo, o MDB elegia a maioria tanto da Assembleia Legislativa quanto da bancada carioca na Câmara Federal. O grande diferencial da eleição de 1970 foi ter consignado a consolidação do MDB carioca como um partido forte e unido.

Enquanto o MDB enfraquecia-se nacionalmente, a seção carioca do partido se fortalecia ao estruturar-se sob a orientação de Chagas Freitas.

## **2- Processo de reestruturação do MDB/GB: início da ascensão do chaguismo**

Em maio de 1969, o então presidente da República, general Costa e Silva, editou o Ato Complementar nº 54 convocando os partidos políticos a organizarem suas convenções partidárias. Iniciaram-se então as articulações para reestruturação dos partidos. Emedebistas partiram em busca de filiações para formação de seções locais que pudessem eleger seus diretórios regionais. Este ato fixava ainda as datas das convenções municipais, regionais e nacionais dos partidos, bem como alterava as regras de filiação partidária. O registro partidário, que antes era feito em fichas individuais, passou a ser feito em livros próprios com folhas numeradas e rubricadas pelo juiz eleitoral, tornando assim o processo mais controlado pelos diretórios zonais.

Essa foi a primeira indicação anunciando o retorno das atividades

---

1967, grupo autênticos, em 1971, grupo neo-

---

autêntico, em 1975, e tendência popular em 1979.

parlamentares, que veio a se concretizar em outubro desse mesmo ano com a reabertura do Congresso. Na Guanabara quem tomou a frente desse processo foi o político e jornalista Chagas Freitas.<sup>10</sup> Deputado federal em seu quarto mandato, dono de um importante capital político na cidade do Rio de Janeiro, construído e reforçado pela sua atuação jornalística nos jornais *A Notícia* e *O Dia*, assim como pela sua trajetória como político pessepista e pessedista.

Segundo relato do ex-deputado estadual Erasmo Martins Pedro, Chagas Freitas teria perguntado a ele e a Reinaldo Santana *"se eles queriam participar da reestruturação do MDB, para torná-lo o nosso partido"*.<sup>11</sup> Temos aí a primeira

indicação da iniciativa de Chagas de orquestrar a estruturação do partido da oposição na Guanabara. Ainda conforme análise de Erasmo Martins Pedro, que veio a ser vice de Chagas Freitas em seu primeiro governo na Guanabara (1971-75), Chagas *"era o único que teria condições de reviver o partido, porque ninguém mais tinha recursos ou meios de comunicação"*.<sup>12</sup> Erasmo estava se referindo à experiência de Chagas Freitas no exercício da política local e ao suporte instrumental que o deputado tinha em suas mãos, o controle dos jornais *O Dia* e *A Notícia*.

Erasmo nos conta ainda que na Guanabara a estruturação do partido foi feita zona a zona, seguindo determinação da lei eleitoral que exigia que as filiações fossem assinadas em livros das zonas eleitorais: o político que tivesse mais prestígio na zona eleitoral se responsabilizaria pelo livro de filiações. Das zonas eleitorais partia-se para o controle do diretório regional: a corrente chaguista venceu nas 25 zonas eleitorais que elegeram seus diretórios municipais. Ao conquistar a direção das zonas

<sup>10</sup> Antônio de Pádua Chagas Freitas, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 4 de março de 1914, jornalista, iniciou sua carreira política no PSP em 1950 não conseguindo se eleger para Câmara Federal. Nesse mesmo ano comprou o jornal *A Notícia* em sociedade com Ademar de Barros, e no ano seguinte fundou *O Dia*. Em 1954 elegeu-se deputado federal, reelegendo-se em 1958, 1962 pelo PSD, e em 1966, na legenda do MDB. Foi eleito indiretamente governador da GB em 1970, e em 1978, do estado do Rio de Janeiro. Afastou-se da política em 1982, após a derrota de Miro Teixeira, seu herdeiro político, nas eleições para o Executivo carioca. Ver Sarmiento, Carlos Eduardo. (org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

<sup>11</sup> Erasmo Martins Pedro, coord. Por Marly Silva da Motta, RJ, Editora Fundação Getúlio Vargas,

1998, p. 118, ( vol. III da série *Conversando sobre Política*).

<sup>12</sup> Erasmo Martins Pedro. op. cit. p. 123.

eleitorais, Chagas Freitas assegurou o controle de todo o processo de filiação na GB, e iniciou o processo de consolidação do seu domínio dentro do partido.

Essa ascensão da corrente chaguista deve ser entendida também como reflexo da ausência de opositores fortes, pois com o reforço do autoritarismo do governo militar e os crescentes expurgos que baniram da cena política os críticos mais fervorosos do regime, ela se viu livre para crescer, fortalecer-se e controlar o partido. Com os diretórios zonais do estado sob seu comando, a corrente chaguista venceu tranquilamente a eleição para o diretório regional. O MDB apresentou chapa única, sendo presidente Erasmo Martins Pedro e Reynaldo Santana, vice. Os outros membros foram Frederico Trota, Benjamin Farah, Anésio Frota Aguiar, Roberto Gonçalves Lima e Paschoal Citadino.

Nas eleições de 1970, enquanto o MDB via todas as suas bancadas federais sendo diminuídas, na Guanabara o partido seguia a trajetória contrária, fortalecendo-se com a eleição indireta de Chagas Freitas para o Executivo estadual e com o aumento significativo da proporção de

chaguistas eleitos tanto para Assembléia Legislativa quanto para Câmara Federal.<sup>13</sup> Além de a Guanabara ter sido o único estado a eleger indiretamente um governador filiado ao MDB, foi também o único a eleger uma Assembléia Legislativa com maioria emedebista, tendo a corrente chaguista conseguido tornar-se majoritária, ocupando cerca de 85% da bancada. Na Câmara Federal não foi diferente: 50% da bancada eleita pela Guanabara foi composta por deputados que seguiam orientação de Chagas Freitas.

## **2-1 A influência do campo político carioca e do chaguismo na especificidade do MDB/GB.**

Em um momento de inflexão eleitoral para o MDB e de crescimento dos votos brancos e nulos, o fato do partido ter conseguido se manter majoritário na Assembléia Legislativa e na Câmara dos Deputados e de um membro da oposição ser eleito governador do

<sup>13</sup> Segundo Eli Diniz, nas eleições de 1966 os chaguistas somente ocuparam 25% da bancada estadual do MDB e 7% da bancada na Câmara dos Deputados. Ver *Máquinas políticas e oposição: O MDB no Rio de Janeiro* in *Dados: Revista de Ciências Sociais*, RJ, vol. 23, n. 3, 1980.

estado, demarca a particularidade do campo político carioca.<sup>14</sup>

O fato do Rio de Janeiro ter sido o único estado, no qual o MDB conseguiu, desde sua criação, manter-se majoritário, pesou significativamente na sua constituição como um espaço político peculiar. Nesse campo político marcado pelo esvaziamento do discurso partidário, onde não havia espaço para os debates ideológicos, e onde a sua principal liderança estava ocupando o Executivo estadual - tendo a seu dispor um instrumental jornalístico poderoso, vimos surgir o fenômeno político do chaguismo, que somente conseguiu se consolidar em razão da formação de uma complexa estrutura organizacional que fez do MDB um partido forte, vivo e atuante no cenário da política carioca.

O MDB foi muitas vezes visto como um partido artificial, uma oposição de fachada, incapaz de exercer o papel principal de um partido que seria o de mediador político, devido à sua

composição fragmentada entre moderados e radicais, que acabava por enfraquecê-lo com desentendimentos internos, não conseguindo empreender uma oposição definida e objetiva. No estado da Guanabara, o roteiro se desenrolou de modo um pouco diferente. Não estamos querendo dizer que nesse estado o partido tenha podido fazer críticas efetivas contra as arbitrariedades do governo militar ou que se tenha insurgido contra a política federal. Nem que naquele estado o partido estivesse imune ao conflito entre os moderados e os radicais. Trata-se de pensar o MDB e a Guanabara como lugares onde as divergências entre correntes radicais e moderadas se chocavam em segundo plano; um local onde se fazia e pensava política de maneira pragmática, pensando e discutindo os problemas do cotidiano da população. O debate ideológico não constituía o foco da atuação da corrente chaguista, que passou a dominar o partido a partir de 1969.

Com os chaguistas dominando o partido, observamos o investimento que passa a ser feito nas eleições. Há, a partir desse momento, a valorização da relação

---

<sup>14</sup> Campo Político conceito, formulado por Pierre Bourdieu, entendido aqui como "lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos,..." in "A representação política: elementos para uma teoria do campo

---

político" in *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel,

político-eleitor, a crença de que o maior patrimônio de um político é o voto. Essa atitude corresponde ao estilo de política de Chagas Freitas, centrado nos interesses locais. Com a sua posse no governo estadual, a corrente chaguista, que já dominava o partido, passou a controlar a máquina burocrática estadual. Com o governo estadual nas mãos, foi possível estabelecer uma prática política baseada em relações clientelistas, nas quais se manipulavam favores e cargos em troca de apoio e votos.

Acreditamos ter havido um duplo movimento, pois, se por um lado, a dinâmica do campo político carioca possibilitou o surgimento do fenômeno político do chaguismo, esse, por sua vez, demarcou a especificidade do MDB da Guanabara. A força e sobrevivência desse fenômeno político estão associadas ao controle que o partido passou a exercer no Executivo estadual. O partido da oposição somente conseguiu se estruturar e atuar como máquina política, porque controlava as instâncias de poder do estado. Ou seja, sendo o partido situacionista no estado da Guanabara, o MDB estava instrumentalizado para

barganhar e interceder junto ao governo estadual em nome dos interesses dos eleitores.

Teoricamente, segundo a conceituação de Robert Merton "*a máquina política encararia o eleitor não como uma abstração, porém como um ser real com problemas e aspirações pessoais concretas (...)*"<sup>15</sup> sendo possível à máquina adquirir estabilidade na medida que fosse capaz de atender os interesses específicos de distintos segmentos da população. Reforçando essa definição, James Wilson conceitua as máquinas políticas "*como uma espécie de partido político cujo funcionamento baseia-se principalmente na utilização de incentivos materiais na conquista do apoio dos eleitores.*"<sup>16</sup>

Assim notamos que as características que atestam ser um partido político correspondente a uma máquina política são uma organização centralizada e hierarquizada. Desta forma, membros do partido conseguiriam estabelecer vínculos entre os eleitores e as autoridades responsáveis pelos órgãos públicos, com a

<sup>15</sup> Diniz, Eli. *Voto e Máquina política: Patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 26.

<sup>16</sup> Diniz, Eli. op. cit. p.32.

finalidade de cumprir seu papel de intermediários entre a população e o governo estadual, porta-vozes das demandas dos grupos locais. A predominância de uma ação política pragmática, em detrimento do debate sobre questões de princípio, e a prática de uma política clientelista seriam outras características da máquina política. O MDB da Guanabara se enquadra perfeitamente nessas conceituações de máquina política, se destacando, portanto, do perfil do partido nos outros estados brasileiros, já que a atuação de sua seção guanabarina não acompanhava as orientações da cúpula nacional.

Maria D'Alva Kinzo escrevendo sobre a relação do MDB com o regime militar destacou que *"por ter atuado em um sistema político fechado, que negava qualquer possibilidade de acesso ao poder, o desempenho do MDB visava muito mais questionar a própria existência do regime militar, do que representar ou canalizar interesses de classe."*<sup>17</sup> Na Guanabara, o partido se comportava de maneira diferente. Políticos chaguistas se envolviam diretamente com os problemas locais da

população, às vezes estabelecendo vínculos com grupos específicos de moradores. Não questionando o regime militar e sem pregar a volta da democracia, mantinham-se distante dos assuntos da política nacional, direcionando suas carreiras políticas no sentido de representarem um veículo de canalização dos interesses, demandas e reclamações da população. Mesmo tendo estado toda sua existência fora do governo, sem poder de decisão nas instâncias legislativas a nível nacional, sem conseguir alcançar sua principal aspiração que era o retorno da democracia, o partido oposicionista não só sobreviveu como se desenvolveu, transformando-se em um partido com quadros e bases eleitorais, mesmo estando controlado e cerceado dentro de um sistema político repressivo e autoritário. O MDB no estado da Guanabara conseguiu, assim, exercer a função de mediador político entre a população e o governo estadual.

---

<sup>17</sup> Kinzo, M. D'Alva Gil. op. cit. p.10.

## Capítulo 2: O chaguismo e sua prática política clientelista.

Neste capítulo pretendemos demarcar a natureza clientelista da prática política chaguista, buscando suas origens no estilo político de seu principal chefe político, Chagas Freitas, um "líder político de estilo rural vivendo numa sociedade urbana", segundo descrição de Pedro do Coutto.<sup>18</sup>

Para entendermos melhor a amplitude e penetração desse fenômeno político também analisaremos aquelas que acreditamos ser suas bases de sustentação: a bagagem político-eleitoral de Chagas Freitas, acumulada ao longo de vários mandatos parlamentares, e o jornal *O Dia*. Acreditamos que o surgimento e a posterior consolidação do chaguismo estiveram associados ao estilo político de Chagas Freitas, bem como sua principal característica, o clientelismo, foi influenciada pelo modo como Chagas concebia e praticava a política, a qual para Chagas Freitas significava negociação, articulação de interesses locais. Seu

*feeling* político sempre foi local e não nacional. Desde o início da sua carreira, seu discurso político esteve voltado para os assuntos locais. Sua inserção na política se fez através do Partido Social Progressista, tendo se dedicado ao fortalecimento desse partido de origem paulista no Rio de Janeiro. As grandes questões nacionais não mobilizavam seus discursos. Em meio à polarização ideológica dos anos 50 e 60, entre UDN e PTB, Chagas mantinha-se distante dos debates, tratando das necessidades locais da população carioca. Interessante perceber como Chagas não se rendeu à tradição da política e do político carioca, que sempre se notabilizaram por sua natureza essencialmente nacional.<sup>19</sup>

O Rio de Janeiro, em razão da sua longa vivência como capital do país, sempre foi um espaço político no qual o nacional se sobrepunha ao local. Seus políticos se destacavam na arena política por serem porta-vozes das grandes questões de interesse nacional. Vereadores, deputados federais, prefeitos atuavam politicamente com o olho em questões gerais da Nação, quando não se referiam diretamente, em discursos e

<sup>18</sup> Pedro do Coutto, em *Crônica Política do Rio de Janeiro*, Coord. por Marieta de Moraes Ferreira. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 164.

projetos, aos interesses do país, tinham, portanto, uma perspectiva mais ampla de ação, almejando ocupar uma posição no plano da política nacional. Chagas, no entanto, durante toda sua trajetória política, manteve-se ao largo das aspirações nacionais, construindo um estilo político bem diferenciado do perfil do político carioca,<sup>20</sup> que falava e olhava para todo o país e não somente para o eleitorado carioca.

Uma outra marca do seu estilo que o afasta do tradicional perfil do político carioca foi a valorização das instâncias de poder local. Chagas Freitas dispunha-se a conhecer e dialogar com os diversos núcleos de poder existentes dentro da cidade. Esse conhecimento de quem detinha o poder político-eleitoral nos bairros lhe permitiu construir alianças, que o ajudaram na formação da sua estrutura político-partidária. Para demonstrar essa marca local do estilo político de Chagas Freitas, citaremos a comparação feita pelo jornalista Rogério Coelho Neto entre este e Leonel Brizola,

um político que se encaixa no perfil do político “carioca” de atuação nacional:

*"Brizola foi governador durante quatro anos, e acho que não chegou a visitar metade desses municípios. Foi um governador de periferia, do Grande Rio. Brizola não gostava do varejo. Chagas gostava. A diferença está aí. Chagas sabia quem era quem em Quintino, quem era quem em Bangu. Era paciente para ouvir o político, gostava de ouvir. Esse governo de bica d'água que ele fazia, como Miro definiu, era feito junto com o político que o apoiava em cada região do Rio, em cada município. As obras eram liberadas através desse político, as nomeações eram feitas através dele. Acho que a importância do Chagas estava aí, ele regionalizou(...)." <sup>21</sup>*

Foi esse estilo de fazer política preocupado sobretudo com a composição dos interesses locais e com o atendimento das demandas da população, associado ao investimento feito nas eleições, através da valorização do voto, que teria influenciado a instituição da prática

<sup>19</sup> Sobre a concepção política de Chagas Freitas, ver Carlos Eduardo Sarmiento (org.), Op. Cit.

<sup>20</sup> Sobre o perfil do político carioca, ver Marly Silva da Motta, "O chaguismo e a construção do Estado da Guanabara", trabalho apresentado no

IV Encontro Nacional de História Oral em novembro de 1997.

<sup>21</sup> *Crônica Política do Rio de Janeiro*. p. 229.

política do clientelismo dentro da chamada corrente chaguista. O clientelismo praticado pelos políticos chaguistas presumia um compromisso entre político e eleitor, no qual se negociava a troca de votos por benefícios materiais ou serviços públicos (como emprego, vaga em escolas, internação em hospitais, calçamento de ruas), uma relação que se dava entre o governo-políticos e setores pobres da população.<sup>22</sup>

## 2.1 O capital político de Chagas Freitas

*"...o chaguismo foi a bica d'água. Agora, foi a bica d'água colocada com muita inteligência. Chagas sabia a hora de instalar a bica, de fazer o calçamento da travessa x e de escolher os homens para capitalizar aquela obra(...)"*<sup>23</sup>

Essa definição do chaguismo feita pelo jornalista Rogério Coelho Neto, além de atestar a natureza clientelista da política chaguista, denota a ingerência que Chagas Freitas exerceu no fortalecimento e consolidação desse fenômeno político

que marcou o campo político carioca na década de 1970.

Como dissemos inicialmente, consideramos que este fenômeno foi impulsionado e alimentado por duas grandes bases de sustentação: o cacife eleitoral de Chagas e o jornal *O Dia*. Essas duas forças lhe permitiram a possibilidade de controlar o MDB, tornando-o, como ele mesmo disse em 1969, "o nosso partido".

Acreditamos que as votações obtidas por Chagas nos quatro pleitos em que se elegeu deputado federal,<sup>24</sup> somadas à propriedade do jornal *O Dia*, constituíam o seu capital político. Capital que permitiu a Chagas, se destacar entre os membros do MDB, no momento da reestruturação do partido,<sup>25</sup> legitimando-o como o único capaz de revitalizar o partido. Esse capital político, além de ter afiançado o controle de Chagas Freitas sobre o Movimento Democrático Brasileiro da Guanabara, também foi, a

<sup>22</sup> Trabalhamos com a conceituação de clientelismo de José Murilo de Carvalho no artigo *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma discussão conceitual*, Dados - revista de Ciências Sociais, RJ, vol. 40, nº2, 1997, pp. 229-250.

<sup>23</sup> *Crônica Política do Rio de Janeiro*. p. 227.

<sup>24</sup> Em 1954 Chagas Freitas foi o 5º deputado federal mais votado com 11.250 votos, em 1958 o 2º com 94.999, em 1962 o 3º com 56.657 e em 1966 com 157.774 votos, foi o mais votado. Ver Sarmento, Carlos Eduardo. Op. Cit.

<sup>25</sup> Em 20 de maio de 1969, foi editado o Ato Complementar nº54, segundo o qual o presidente Costa e Silva convocava os partidos políticos e regulava as convenções municipais, regionais e nacionais dos partidos. Ver *O Dia*, 21/05/1969.

nosso ver, responsável pelo surgimento do fenômeno político do chaguismo. Sem a força eleitoral e, sobretudo, sem dispor de um poderoso veículo de comunicação como *O Dia*, não teria sido possível a consolidação e ampliação desse movimento dentro do campo político carioca.

Segundo Pierre Bourdieu "... o homem político deve a sua autoridade específica no campo político - àquilo a que a linguagem nativa chama o seu "peso específico" - à força de mobilização que ele detém quer a título pessoal, quer por delegação, como mandatário de uma organização (partido, sindicato) detentora de um capital político acumulado no decurso das lutas passadas (...)"<sup>26</sup> Para nós, Chagas possuía essa "força de mobilização" graças a sua trajetória como deputado federal dos mais votados da Guanabara, ao controle de *O Dia*, um jornal popular de enorme circulação, e ao domínio que passou a exercer dentro do MDB carioca.

## 2.2 *O Dia*: instrumento eleitoral do chaguismo

*"A força, não política, mas eleitoral, d'O Dia era muito maior do que a força eleitoral d'O Globo ou do Jornal do Brasil. O Globo e o Jornal do Brasil não elegeriam ninguém. Ninguém é força de expressão, elegeriam um. Mas Chagas Freitas elegia seis, sete, com O Dia. Por quê? Porque o eleitor d'O Dia era um eleitor muito mais propenso a seguir o comando daquela corrente que o jornal representava, sintetizava, do que o leitor d'O Globo ou do Jornal do Brasil. E assim ele utilizou o jornal."*<sup>27</sup>

*O Dia* foi fundado por Antônio de Pádua Chagas Freitas em 5 de julho de 1951, tendo desde sua fundação uma função política bem definida. Chagas Freitas, então um dos principais articuladores do Partido Social Progressista no Rio de Janeiro, pretendia com a fundação d' *O Dia* ampliar e

<sup>26</sup> Bourdieu, Pierre. *"O Poder Simbólico"*. Lisboa, Difel, 1990. p. 190

<sup>27</sup> *Crônica Política do Rio de Janeiro*. p. 147.

solidificar seu prestígio político na cidade. Diferentemente de *O Globo* e do *Jornal do Brasil*, que veiculavam refinadas análises políticas, explorando as questões da política nacional, *O Dia* apresentava-se com um perfil marcadamente popular, escrito numa linguagem acessível, direcionando-se principalmente à população de baixa renda. Sendo seu principal traço o noticiário policial, com manchetes sensacionalistas, explorava todo tipo de crime e violência, chegando inclusive a se utilizar dessa sua característica como estratégia de propaganda. Em julho de 1971, o próprio jornal publica o seguinte *slogan*: "Quando você espreme este jornal sai sangue", afirmando ser isto um elogio, pois o jornal se orgulhava de ter o noticiário policial mais completo do país, congregando, somente neste setor, 50 repórteres especializados. A tiragem divulgada por eles era de um milhão de leitores todo dia.

Além dos crimes, mereciam destaque no jornal as reivindicações bairristas, como pedidos de calçamento, iluminação de ruas e saneamento básico, que eram exploradas em diversas matérias do jornal. *O Dia* também cobria muito bem o noticiário sindical, veiculando com

regularidade as pautas e resoluções das assembleias e encontros classistas.

Esse perfil das principais matérias jornalísticas publicadas pelo jornal demonstra quem era o público preferencial d'*O Dia*. Podemos dizer, de um modo geral, que o leitor diário do jornal era o trabalhador assalariado que morava nas zonas norte e oeste da Guanabara. Um outro elemento que também nos remete a essa caracterização do leitor d'*O Dia* são as colunas regulares, publicadas geralmente aos domingos, como: "Coluna do Motorista", "Tudo que interessa ao funcionário", "Coluna do empregado do edifício", "Coluna do INPS", "O que vai pelos sindicatos" e "Consultório Trabalhista".

*O Dia* era uma das principais fontes do capital político de Chagas Freitas, através da possibilidade de manipular um veículo de comunicação popular de ampla penetração no eleitorado. Capital esse que se materializava enquanto arma eleitoral pois, através dele, Chagas criava e projetava carreiras políticas. Em épocas de eleição, o uso eleitoral do jornal era flagrante, sendo diariamente publicadas matérias sobre a campanha do MDB. *O*

*O Dia* dava visibilidade às candidaturas dos políticos ligados a Chagas, que controlava tanto o partido quanto o jornal, potencializando os nomes que lhe interessavam politicamente.

Viabilizando uma comunicação direta com a população, o jornal funcionava como vitrine para os políticos do MDB ligados a Chagas, veiculando a agenda de compromissos dos candidatos em campanha eleitoral, os encontros dos candidatos com os moradores e a inauguração de escritórios eleitorais em diversos bairros,<sup>28</sup> sempre publicando fotos e registrando o apoio da população aos candidatos do partido. O jornal também amplificava, por meio de grandiosas manchetes escritas com clima de "já ganhou", as carreatas e passeatas da "Chapa Quente" do MDB que percorriam os bairros da cidade.

Outra estratégia do jornal *O Dia* em sua campanha de promoção dos candidatos do MDB era a publicação de

<sup>28</sup> "Escritório eleitoral de Miro Teixeira e Frota Aguiar no Parque Nova Holanda" in: *O Dia*, 07.06.1974, p.07.

"Miro Teixeira inaugura mais um comitê do MDB no Morro de São Carlos" in: *O Dia*, 04.10.1974, p. 01.

"MDB inaugura escritório na Praça da Bandeira" in: *O Dia*, 09.10.1974, p. 05.

"Mais um comitê inaugurado - Zona da Leopoldina" in: *O Dia*, 13/14.10.1974, p. 04.

pesquisas eleitorais, tanto as realizadas por agências privadas, como a GPM e o IBOPE, quanto as feitas pelo próprio jornal. Os resultados eram publicados geralmente aos domingos, dia de maior tiragem do jornal. Seus resultados sempre apontavam os candidatos do MDB como líderes na preferência do eleitorado. Sempre numa escalada crescente, a cada domingo a porcentagem de eleitores que afirmavam que votariam no MDB aumentava.

**Tabela 2: levantamento da evolução do MDB nas pesquisas eleitorais feitas pelo jornal *O Dia*, para as eleições de 1974. A pergunta era seguinte: Se a eleição fosse hoje em qual partido votaria?**<sup>29</sup>

<b>Dia da pesquisa</b>	<b>MDB %</b>	<b>ARENA %</b>	<b>Indecisos %</b>	<b>Branco %</b>
06/10/74	66,2	20,1	7,0	6,7
13/10/74	67,1	19,7	6,8	6,4
20/10/74	69,6	19,5	5,9	5,0
27/10/74	76	19	3,0	2,0
30/10/74	78,5	17	2,7	1,8

O depoimento de Erasmo Martins Pedro, ex-deputado federal pelo partido e vice-governador no primeiro governo de Chagas Freitas, esclarece a importância do jornal nas campanhas eleitorais na Guanabara, e como ele também servia como instrumento de manipulação:

*"O Dia se tornou o órgão oficial do MDB. Todo mundo lia O Dia. Chagas fazia pesquisas eleitorais, e sempre colocava os nomes dos mais votados. Se bem que às vezes colocava um ou dois que não tinham realmente aparecido muito, apenas para o nome não ficar esquecido. Há até um episódio engraçado. Um candidato, cujo nome eu não vou dizer, foi se queixar: 'Dr. Chagas, eu estou numa situação difícil frente a essas pesquisas. Meu nome nunca apareceu'. O Chagas disse: 'Olha realmente você não tem aparecido, mas vou mandar botar você também'. No dia seguinte, o candidato procurou Chagas, pleiteando ser o secretário da zonal. Quando Chagas alegou que tinha outro nome de mais expressão para o cargo, o rapaz puxou uma folha d'O Dia e mostrou que estava entre os mais votados!"*<sup>29</sup>

Como vimos, a ação direta do jornal *O Dia* na gerência dos interesses do Movimento Democrático Brasileiro se dava de tal forma que podemos considerar o jornal como um dos elementos constitutivos do partido. Quer dizer, o jornal não se resumia, pura e simplesmente, a um instrumento de propaganda do governo, mas se apresentava como um porta-voz, um "representante" do partido que

diariamente exercia funções de "correligionário", ao defender as posições do partido, arregimentando eleitores e promovendo o nome do partido. Nos períodos pré-eleitorais, *O Dia* funcionava como uma alavanca eleitoral, com a qual o partido mobilizava seus leitores, convertendo-os em eleitores, atuando assim de maneira decisiva nas eleições na Guanabara.

Para exemplificarmos esse estreito relacionamento d' *O Dia* com o MDB eis novamente o depoimento de Erasmo Martins Pedro:

*"...o quartel-general do MDB era no jornal O Dia, e não na sede real, de direito, na Almirante Barroso, que pertencera ao antigo PSD e depois passou para o MDB. Ninguém ia lá. A partir da reabertura dos partidos, em 1969, as reuniões eram feitas no jornal."*<sup>31</sup>

Foi esse capital político, muito bem administrado, que permitiu a Chagas Freitas controlar o surgimento de forças políticas dentro do MDB. Amparado por sua própria força eleitoral, Chagas conseguiu, através de *O Dia*, ampliar seu poder político e se firmar como o político

<sup>29</sup> *O Dia*, 06.07/10/74 p. 08.

<sup>30</sup> Erasmo Martins Pedro. op. cit. p. 126.

<sup>31</sup> Erasmo Martins Pedro. op. cit. 125.

que melhor transitou e dialogou com as esferas de poder local da Guanabara. E pôde, sobretudo, criar e projetar carreiras políticas. O surgimento e crescimento de muitos políticos somente foi possível pelo investimento e a visibilidade proporcionados pelo jornal. É possível analisarmos, a partir do jornal, a trajetória política de determinadas figuras e, a partir desta análise, entendermos a prática política chaguista e as formas de relacionamento e discurso que caracterizavam esta corrente. Para isso, selecionamos como objetos de estudo, Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim enquanto representantes da corrente chaguista. A seguir, focaremos o período de inserção desses políticos na política carioca, buscando verificar os laços de identificação estabelecidos com o eleitorado.

### **Capítulo 3: Políticos chaguistas: Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim.**

Resolvemos trabalhar nesta pesquisa com políticos que estivessem iniciando suas carreiras eleitorais no período compreendido entre 1969 e 1974,

e que, portanto, não tivessem ainda um eleitorado definido: Miro Teixeira e Marcelo Medeiros, concorrendo a um cargo legislativo pela primeira vez em 1970, e Sandra Salim, estreando na política em 1974.

Outro elemento que nos fez centrar nossa análise na trajetória desses políticos foi o fato de os três serem jornalistas e colunistas do jornal *O Dia*, justamente a principal alavanca eleitoral dessa corrente. Ao manterem um canal de comunicação direto e regular com a população, eles nos proporcionam a possibilidade de entrarmos em contato com seu discurso e prática política. Houve ainda um outro diferencial que nos fez decidir analisá-los como representantes do chaguismo: o fato de eles, em sua primeira eleição, terem conseguido votações muito expressivas: Marcelo Medeiros foi o deputado federal da GB mais votado em 1970 e Sandra Salim a deputada estadual mais votada em 1974. No caso de Miro Teixeira, o que o tornou relevante foi seu rápido crescimento: em 1970, na sua primeira eleição, obteve o modesto nono lugar dentre os deputados federais eleitos pelo MDB, e, apenas quatro anos depois,

foi eleito o deputado federal mais votado do Brasil.

Para o estudo da trajetória desses políticos, trabalharemos com as colunas por eles escritas entre 1970 e 1974. Nos períodos pré-eleitorais nos concentramos nos meses de junho a novembro, e nos anos de 1971, 1972 e 1973, analisamos de dois a cinco meses de cada ano. Não foi possível trabalharmos com os mesmos meses em todos os anos selecionados, pois houve períodos em que determinadas colunas não foram publicadas.<sup>32</sup> Estivemos, ainda, atentos para o espaço que o jornal destinava a cada político, e a frequência de entrevistas e reportagens que citavam seus nomes.

Partimos da hipótese de que o jornal *O Dia* atuou durante os anos 70 como um representante do partido oposicionista, sempre divulgando e deixando em evidência o nome e as

atividades do MDB. Neste capítulo comprovaremos o quanto este jornal foi importante para o lançamento e crescimento político de Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim. Dirigido como um instrumento de campanha eleitoral, esse veículo de comunicação popular possibilitou as votações expressivas alcançadas por estes políticos.

O jornal *O Dia*, com uma tiragem superior a 1 milhão de exemplares por dia,<sup>33</sup> nos autoriza a lhe atribuir a força eleitoral desses políticos. Ao analisarmos o perfil do jornal, sua linguagem popular, seu enfoque em temas trabalhistas e urbanos, compreendemos que seus discursos políticos foram construídos com base no perfil do leitor d'*O Dia*. Suas colunas, como mostraremos mais adiante, ao explorarem temas extremamente populares, estavam se dirigindo e respondendo às demandas dos leitores d'*O Dia*.

<sup>32</sup> Foram analisadas para esta pesquisa as colunas de Miro Teixeira publicadas nos seguintes meses: julho a novembro de 1970, junho a agosto de 1972, março a julho de 1973 e de julho a novembro de 1974; para análise do discurso de Marcelo Medeiros trabalhamos com as colunas e pronunciamentos publicados em outubro e novembro de 1970, novembro e dezembro de 1972, de junho a agosto de 1973 e finalmente de junho a novembro de 1974; quanto as colunas de Sandra Salim analisamos as publicadas em novembro e dezembro de 1970, de junho a agosto

de 1972, de março a julho de 1973 e de junho a novembro de 1974.

<sup>33</sup> Jornal *O Dia* publica, em 3 de abril de 1969, uma pesquisa do IBOPE indicando os cinco jornais de maior circulação do Rio de Janeiro. *O Dia* surge com uma tiragem de 1.130 mil exemplares, representando "mais de 7 vezes e meia a lotação do Maracanã".

Ao utilizarmos como fonte as colunas assinadas por estes políticos no jornal *O Dia*, pretendemos identificar, através do próprio discurso de cada um, as vinculações que estabeleceram com o eleitorado; sobre quais argumentos e causas eles construíram efetivamente seus discursos, se os particularizaram em torno de determinada campanha ou se posicionaram-se como defensores de categorias profissionais específicas. Demarcaremos também que tipos de reivindicações mereciam destaque e apoio em suas colunas.

### 3.1) Colunas de Miro Teixeira

Valdemiro Abdala Teixeira, Miro Teixeira, nasceu em 27 de maio de 1945, no Rio de Janeiro. Formado em jornalismo, começou a trabalhar como repórter policial no jornal *A Noite*, depois passando a jornalista político d'*O Dia* e *A Notícia*. Sua aproximação com Chagas Freitas se deu quando participou ativamente da campanha eleitoral de 1966. Teve início aí sua ligação política com Chagas Freitas, que ao longo dos anos 70 foi se tornando cada vez mais forte, ao ponto dele ter se tornado o herdeiro

político de Chagas Freitas e o principal porta-voz da corrente chaguista. Sua amizade e ligação política somente se romperiam quando Miro concorreu na primeira eleição direta para o Executivo estadual do novo estado do Rio de Janeiro, em 1982.

A coluna assinada por Miro Teixeira no jornal *O Dia* chamava-se "Clamor da cidade". Durante 1969, foi publicada entre os meses de janeiro e abril quase que diariamente. A partir de maio, no entanto, ela não seria mais publicada, somente retornando ao jornal no ano seguinte. A partir de julho de 1970, a coluna torna-se regular. Nesse primeiro mês ela ainda não tinha título, e tratava de assuntos diversos de forma bem sintética, sem fornecer muita explicação. Somente em agosto, mês do lançamento dos candidatos que concorreriam à eleição de novembro de 1970,<sup>34</sup> a coluna passa a ter título e a foto de Miro Teixeira, sendo seu nome publicado com mais destaque. Além da diagramação, o conteúdo da coluna também foi alterado. Enquanto anteriormente tratava de dois a três assuntos de forma sucinta, a partir desse

<sup>34</sup> A Convenção Regional do MDB/GB realizada em 8 de agosto de 1970, lançou 129 candidatos a deputado estadual e 57 a deputado federal.

mês passou a desenvolver com detalhes e exemplos um único tema.

Traçamos essa diferenciação para mostrar como a coluna de Miro Teixeira se transformou no seu principal instrumento de campanha. Veremos como Miro aí apostava as suas chances de mobilizar o eleitorado. Começaremos analisando a campanha eleitoral de 1970, quando Miro se candidatou pela primeira vez; posteriormente, em um só tópico, focalizaremos o período entre as eleições de 1970 e 1974, visando a acompanhar o seu comportamento político. Finalmente, acompanharemos a campanha de 1974, pleito no qual Miro foi alçado ao posto de deputado federal mais votado do país.

### **A campanha eleitoral de 1970**

Através da sua coluna, Miro Teixeira dialogava com a população sobre seus principais problemas. De um modo geral, observamos que o candidato-jornalista centrava seu discurso nas demandas que emergiam da população, elegendo como objeto de campanha as reivindicações populares. É claramente visível a apropriação que Miro fazia das questões que angustiam os cariocas,

principalmente daqueles que se encontravam inseridos na camada social que correspondia à dos leitores do jornal. Como dissemos anteriormente, este jornal tinha ampla circulação entre a população mais humilde, residente nos subúrbios e na então chamada zona rural da Guanabara. Cariocas assalariados, que trabalhavam geralmente no setor de prestação de serviços — embora profissionais de outros ramos de atividade também merecessem atenção de Miro — compunham o público preferencial das suas colunas. Raro foi encontrar algum apelo ou apoio às causas de empresários ou profissionais liberais.

Trabalhamos com as colunas publicadas entre os meses de julho e novembro de 1970, somando um montante de 96 colunas. Desse total, 32 tratavam de reivindicações bairristas, 24 da questão habitacional, 11 defendiam o direito das professoras se aposentarem aos 25 anos de serviço, nove apoiavam reivindicações dos taxistas, seis criticavam o trânsito, cinco referiam-se ao funcionalismo público, três apoiavam demandas dos comerciários e seis tratavam de assuntos diversos. (ver tabela 3.1)

Os três grandes temas da campanha eleitoral de Miro Teixeira em 1970 foram: 1) reivindicações de bairros; 2) questão habitacional; e 3) aposentadoria para as professoras aos 25 anos de serviço.

Quanto às reivindicações de bairros, o candidato se colocava como porta-voz dos moradores, e expunha os problemas e as necessidades das comunidades: falta de água, pavimentação das ruas, policiamento, iluminação e rede de esgoto, que representavam as mais constantes demandas dos moradores. Priorizava em suas colunas as reivindicações dos moradores dos subúrbios, principalmente os bairros da Leopoldina, Méier, Guadalupe, Engenho Novo, Irajá, Catumbi e de bairros da então chamada zona rural, como Jacarepaguá, Realengo, Cidade de Deus e Bangu. Bairros da zona sul, pouco deficientes nesses serviços, eram raramente citados por Miro em suas reportagens.

Em segundo lugar surge a discussão da questão habitacional da população carente do estado. Miro criticava duramente o plano de remoção de favelas e as condições dos conjuntos

residenciais construídos pelo estado. Quanto à questão das favelas, o candidato propunha a urbanização da favela no lugar da sua remoção, pois esta muitas vezes era feita para lugares onde o mercado de trabalho tinha pouca capacidade de absorção de mão-de-obra, pouco transporte para o aumento rápido da população, destacando ainda que esse deslocamento provocaria a perda de vaga na escola para as crianças.

O candidato denunciava a falta das mínimas condições de infra-estrutura dos conjuntos residenciais, como iluminação, pavimentação, água, esgoto, propondo como caminho para a resolução desses problemas a transferência da administração dos conjuntos para um conselho de moradores.

O terceiro tema mais discutido por Miro Teixeira nessa campanha eleitoral foi o da volta dos professores para o quadro de aposentadorias especiais, uma vez que o direito dos professores se aposentarem com 25 anos de serviço havia sido anulado pela Reforma Constitucional de 1969. Paralelamente a esta campanha, o candidato reivindicava a melhoria salarial dessa categoria.

Outros temas recorrentes durante a campanha foram apoio às reivindicações dos taxistas, dos comerciários, funcionalismo público e crítica ao sistema de trânsito da cidade.

Observamos, portanto, que o discurso de Miro Teixeira, nessa sua primeira campanha eleitoral, não tinha um caráter definido. O candidato não se apresentava como o representante de uma clientela política específica. Seu discurso, preocupado predominantemente com as condições urbanas dos bairros e com a questão da moradia popular, nos leva a pensar que sua relação política com o eleitorado se pautou pelo assistencialismo. O candidato se mostrava preocupado com o bem-estar da população, interessava-lhe que a população tivesse a sua rua calçada e iluminada, que a rede de esgoto e água abastecesse o bairro, que o morador tivesse transporte e segurança.

### **Período entre as eleições**

Eleito deputado federal, Miro Teixeira não perdeu sua coluna em *O Dia*, mantendo assim seu diálogo diário com a população, utilizando-se da mesma linguagem simples e direta. No entanto,

observamos uma mudança dos temas discutidos por ele. Se durante a campanha eleitoral sua maior preocupação foi com as condições urbanas dos bairros, após a eleição passou a centralizar seu discurso nas reivindicações trabalhistas. As condições de trabalho da população tomaram o lugar das condições urbanas dos bairros, mesmo porque agora o deputado não podia acusar o governador Chagas Freitas de não atender as necessidades das regiões mais pobres do estado. Se antes o candidato falava em nome de determinada comunidade, agora o deputado federal lutava pelos direitos de diversas categorias profissionais. Sem abandonar as campanhas do pleito de 1970 — como o retorno das professoras para o quadro de aposentadorias especiais, a crítica ao sistema de trânsito, o apoio às causas dos taxistas, comerciários e funcionalismo público — Miro Teixeira ampliou seus temas, incluindo novas causas, bem como diversificou o grupo de profissionais que passaram a ser apoiados e defendidos em suas colunas.

Das colunas escritas por Miro Teixeira de 1971 a 1973, selecionamos cerca de 145 para a análise da incidência

dos temas explorados. Procuraremos evidenciar agora a mudança no perfil da coluna de Miro Teixeira após a sua eleição, ressaltando como o deputado federal procurou ampliar suas vinculações com o eleitorado ao diversificar o alcance das suas colunas.

De um total de 145 colunas, não encontramos nenhuma que reclamasse melhorias urbanas para alguma comunidade. Aquele que tinha sido o grande apelo da sua campanha em 1970 foi totalmente abandonado para ceder espaço ao seu novo enfoque, as reivindicações classistas. Foram cerca de 77 colunas reivindicando e apoiando as campanhas empreendidas por diversas categorias profissionais. Reivindicações tais como férias de 30 dias, adicional de insalubridade, salário-família para a esposa, regulamentação de jornada de trabalho, horário para refeição e, principalmente, reajuste salarial, recebiam total apoio do deputado. As outras se dividiram entre a campanha pela regulamentação do pagamento dos aposentados; crítica ao trânsito e à irresponsabilidade dos motoristas e ao sistema de multas do Detran; denúncias do aumento do custo de vida; e algumas

novas temáticas como a denúncia de tráfico de drogas, a campanha pela instalação de telefones públicos em conjuntos residenciais e favelas e a defesa da umbanda. (ver tabelas 3.2 a; 3.2 b e 3.2 c)

As categorias profissionais que mais tiveram suas reivindicações veiculadas e apoiadas por Miro Teixeira foram as dos motoristas de ônibus, dos garçons, dos comerciários, dos operários da construção civil, dos telefonistas, dos taxistas e dos metalúrgicos.

As colunas geralmente divulgavam as datas dos julgamentos dos dissídios coletivos e explicavam por quais direitos os sindicatos estavam lutando. Outra marca dessa coluna foram as frequentes mensagens parabenizando os trabalhadores pelo seu dia,<sup>35</sup> provando que o deputado encontrava-se bem inteirado das bandeiras levantadas pelos movimentos sindicais.

### **Campanha eleitoral de 1974**

Nas eleições de 1974, Miro Teixeira reelege-se deputado federal na

---

<sup>35</sup> "Telefonistas" in *O Dia*, 11/07/72 p. 06; "Os motoristas, nossos amigos" in *O Dia*, 25/07/72 p. 06.

legenda do Movimento Democrático Brasileiro, sendo o deputado mais votado de todo país com 265.584 votos. Para termos uma idéia do quão expressiva foi essa votação, basta vermos que o segundo deputado mais votado na Guanabara, Rubem Medina, alcançou 98.021 votos.

Como vimos, Miro Teixeira, após ser eleito em 1970, ampliou seu discurso político. O que estamos tentando demonstrar é o quanto a coluna de Miro Teixeira no jornal *O Dia* exerceu o papel de principal instrumento de sua campanha, mantendo-o em constante diálogo com um enorme e diversificado leque de setores populares.

Para analisarmos a campanha eleitoral de 1974, trabalhamos novamente com as colunas publicadas entre os meses de julho a novembro, totalizando 82 colunas. Desse total, cerca de 48 referiam-se a reivindicações classistas, em sua maioria por reajuste salarial. O aumento do custo de vida e a questão habitacional foram os outros dois temas que mais se destacaram nessa campanha. (ver tabela 3.3) Categorias profissionais bem específicas eram claramente defendidas por ele, tendo suas reivindicações e direitos defendidos com frequência, como

era o caso dos taxistas,<sup>36</sup> músicos e operários da construção civil. Só por essa pequena amostragem das principais categorias profissionais defendidas por Miro Teixeira, percebemos o quanto diversificado era o conjunto dos seus leitores. Leitores conquistados através dessas colunas, e que, posteriormente, poderiam transformar-se em eleitores, manifestavam seu apoio através de cartas parabenizando o deputado por seus artigos e, muitas vezes, pedindo que continuasse defendendo algumas causas ou pedindo sua adesão a determinadas reivindicações.

No geral, Miro Teixeira fazia campanha em prol do aumento salarial para diversos trabalhadores e também por melhores condições de trabalho. Uma das reivindicações trabalhistas mais frequentemente defendidas era o direito a férias de 30 dias.<sup>37</sup> Em relação aos taxistas, Miro apoiava e defendia a abolição do uso obrigatório de gravata durante o trabalho - os motoristas eram

<sup>36</sup> "Seguro para os táxis" in: *O Dia*, 25.06.1974, p. 05.

"Gravata para motorista uma exigência absurda" in: *O Dia*, 06.07.1974, p. 05.

"Motoristas de táxi" in: *O Dia*, 30.08.1974, p. 05.

<sup>37</sup> "Férias de 30 dias para comerciários" in: *O Dia*, 25.09.1974, p. 05.

obrigados a usar gravata sob pena de pagarem multa -, a realização de seguro para os táxis, o restabelecimento de pontos específicos para os taxistas, o direito do autônomo alugar seu táxi e a implementação da bandeira 2 nos domingos e feriados.

Uma outra campanha freqüentemente apoiada por Miro foi a da "regulamentação da gorjeta obrigatória de 10% para os garçons", argumentando que esta fosse estendida a outras categorias profissionais como manicures, barbeiros e motoristas. A questão da segurança no trabalho, principalmente dos operários da construção civil, e do estabelecimento do adicional de insalubridade para os metalúrgicos, bandeiras inicialmente levantadas pelos sindicatos, também receberam todo apoio e incentivo da coluna de Miro.

A questão habitacional era recorrentemente discutida por Miro Teixeira. O deputado criticava tanto o abandono dos conjuntos residenciais, que na maioria dos casos não possuíam as mínimas condições de sobrevivência, como também os altos preços das prestações das casas próprias cobradas pelo BNH e os constantes aumentos dos

aluguéis<sup>38</sup>. Defendia também a urbanização das favelas e os direitos dos moradores, tanto das favelas quanto dos conjuntos habitacionais, de terem acesso à saneamento básico, fornecimento de água e telefones públicos<sup>39</sup>. Ao se posicionar tanto em defesa dos moradores das favelas e dos conjuntos residenciais do INPS, quanto daqueles que moram de aluguel, Miro Teixeira agia como representante tanto das camadas populares quanto da classe média.

A defesa da umbanda surgiu como tema de importância nessa campanha eleitoral. Miro Teixeira se apresentava como representante dos umbandistas ao lado de Átila Nunes Filho, candidato à reeleição como deputado estadual. Todas as teses defendidas por este recebiam o apoio de Miro Teixeira, estabelecendo uma dobradinha política que recebeu apoio declarado dos umbandistas<sup>40</sup>.

<sup>38</sup> "Exploração dos inquilinos" in: *O Dia*, 20.09.1974, p. 07.

<sup>39</sup> "O que eu vi num conjunto do INPS" in: *O Dia*, 21/22.07.1974, p. 13.

"Orelhões nas favelas e conjuntos habitacionais" in: *O Dia*, 31.08.1974, p. 05.

"Miro Teixeira defende urbanização das favelas em encontro com moradores de diversos morros da cidade" in: *O Dia*, 18.10.1974, p. 07.

<sup>40</sup> "Umbandistas já escolheram Átila Nunes e Miro por serem os defensores da Umbanda" in: *O Dia*, 11.08.1974, p. 13.

Se as colunas diárias no jornal *O Dia* funcionavam como o principal veículo do diálogo entre o candidato e a população, elas não permitiam, no entanto, o contato corpo-a-corpo, tão necessário na conquista do voto. Obviamente que a população assalariada se identificava com o conteúdo das colunas escritas por Miro Teixeira, mas não podemos condicionar exclusivamente ao jornal todo o surpreendente resultado eleitoral obtido na eleição de 1974. Temos que considerar o fato de Miro não ser um estreante na política, pois já vinha de um mandato na Câmara dos Deputados, e, principalmente, o uso político que fazia das obras públicas realizadas pelo governador Chagas Freitas.

Nesse período pré-eleitoral, *O Dia* dispensava amplo destaque às campanhas eleitorais dos candidatos do MDB. Paralelamente a esta cobertura, surgia a divulgação das realizações da administração Chagas Freitas. Nas reportagens sobre inaugurações de escolas, reformas em hospitais, construção de viadutos, melhorias no fornecimento de água, muitos candidatos compareciam

manifestando apoio às realizações do governo do estado. Com isso, Miro Teixeira e os demais candidatos do MDB tinham suas campanhas impulsionadas por essa cobertura que o jornal fazia da administração estadual e das inaugurações de comitês e escritórios eleitorais, nos quais sempre marcavam presença. Nessas oportunidades, realizavam o citado corpo-a-corpo com a população, entrando assim em contato direto com as necessidades e reclamações da população. Todas essas estratégias eram manipuladas pelos candidatos com a intenção de mobilizar a população, a fim de converter confiança e simpatia em ganhos eleitorais nas urnas.

Podemos definir o perfil da coluna de Miro Teixeira na campanha eleitoral de 1974 como um fórum de reivindicações trabalhistas e de crítica ao constante aumento do custo de vida. Vimos, então, que o vínculo político de Miro Teixeira com o eleitorado, que na sua primeira eleição havia se restringido às camadas populares, carentes de apoio para resolução dos seus problemas urbanos, passou a se definir em torno de categorias profissionais específicas, colocando-se o candidato como porta-voz de determinadas bandeiras trabalhistas.

---

"Átila e Miro têm apoio de todos os umbandistas" in: *O Dia*, 23.08.1974, p. 13.

Notamos que nessa campanha para as eleições de 1974, Miro Teixeira firmou alianças com alguns candidatos a deputado estadual, o que ampliou ainda mais o seu leque de vinculações com o eleitorado. Os dois candidatos a deputado estadual que mais freqüentemente apareciam no *O Dia* associados a Miro Teixeira foram Sandra Salim e Átila Nunes Filho, ambos também colunistas do jornal.

Outra novidade nessa campanha foi o maior investimento que Miro recebeu do jornal e do próprio governador Chagas Freitas. Frequentemente seus projetos e encontros com comissões de trabalhadores ou profissionais eram publicados no jornal. Nas inaugurações das obras do governo estadual, Miro acompanhava o governador, saindo ao seu lado nas fotos. Toda inauguração de comitê ou escritório eleitoral de apoio ao candidato era devidamente registrada com fotos e publicada no jornal.

Uma das estratégias do jornal para manter o nome de Miro em evidência foi a inserção de seu nome na coluna *Comandos em Ação*. Esta coluna prestava

uma espécie de serviço de utilidade pública. A equipe de reportagem percorria diversos bairros da cidade, escutando e divulgando seus problemas, como pedido de calçamento, iluminação, água. Esta coluna, publicada durante muito tempo sem assinatura, a partir de meados de 1972 ficou sob a responsabilidade da jornalista Sandra Salim. Ao reportar suas visitas às comunidades, Sandra sempre citava a presença de Miro Teixeira ao seu lado.

Essa maior cobertura que o jornal *O Dia* passou a dar à sua campanha, somada à diversificação do leque de vinculações com o eleitorado, resultou na surpreendente votação de 267.584 votos conferida a Miro Teixeira. Para se ter uma idéia do crescimento eleitoral de Miro Teixeira nessa eleição, basta dizer que ele foi o deputado federal mais votado no país, muito superior ao seu desempenho em 1970, quando registrou 21.507 votos, sendo então o nono deputado entre os treze eleitos pelo MDB. Desta maneira, podemos evidenciar o papel decisivo que o jornal *O Dia* representava para a projeção de carreiras políticas.

**Tabela 3.1 Temas abordados pelas colunas de Miro Teixeira (publicadas de julho a novembro de 1970):**

<b>Reivindicações Bairristas</b>	32
<b>Conjuntos Residenciais</b>	15
<b>Favelas</b>	9
<b>Aposentadoria das Professoras aos 25 anos de serviço</b>	11
<b>Taxistas</b>	9
<b>Trânsito</b>	6
<b>Funcionalismo Público</b>	5
<b>Comerciantes</b>	3
<b>Outros</b>	6

**Tabela 3.2a Temas abordados pelas colunas de Miro Teixeira (publicadas entre 1972 e 1973):**

<b>Reivindicações Trabalhistas</b>	77
<b>Aumento do Custo de Vida</b>	11
<b>Trânsito</b>	13
<b>Aposentadoria</b>	5
<b>Telefones em Conjuntos Residenciais</b>	5
<b>Tráfico</b>	4
<b>Escola</b>	3
<b>Loteamentos</b>	3
<b>Emprego para mais velhos</b>	3
<b>Passarelas</b>	2
<b>Umbanda</b>	2
<b>Falha no INPS</b>	1
<b>Outros</b>	16

**Tabela 3.2b Colunas de Miro Teixeira sobre reivindicações trabalhistas**

<b>Reivindicações Trabalhistas</b>	
Motoristas de ônibus	9
Garçom	8
Comerciários	7
Operários da construção civil	6
Telefonistas	5
Taxistas	4
Metalúrgicos	4
Motoristas de carga	3
Vigias noturno	3
Moageiros	3
Férias de 30 dias corridos	3
Salário-família para esposa	3
Adicional de insalubridade	2
Funcionalismo	2
Policia	2
Professoras	2
Domésticas	2
Aeroviários	2
Barbeiros/ manicures e cabeleireiros	2
Garis	1
Tecelões	1
Empregados em padaria	1
Adicional por tempo de serviço	1
Restaurantes para trabalhadores	1
<b>Total</b>	<b>77</b>

**Tabela 3.2c Colunas de Miro Teixeira sobre aumento do custo de vida**

<b>Aumento do custo de vida</b>	
Leite	4
Aluguel	3
Remédios	2
Alimentos	2
<b>Total</b>	<b>11</b>

**Tabela 3.3 Temas abordados pelas colunas de Miro Teixeira (publicadas de julho a novembro de 1974)**

<b>Reivindicações Trabalhistas</b>	
Aumento salarial	10
Taxistas	10
Bombeiros	6
Músicos	5
Operários da construção civil	4
Funcionalismo público	3
Comerciários	3
Metalúrgicos	2
Vigias noturno	2
Garçom	2
Professoras	1
<b>Total</b>	<b>48</b>
Aumento do custo de vida	11
Questão habitacional	10
Umbanda	4
Tráfico	1
Trânsito	1
Taxa de esgoto	1
Atendimento no INPS	1
Outros	5

### 3.2) Coluna Marcelo Medeiros

Marcelo Machado Medeiros nasceu em Juiz de Fora, em 16 de setembro de 1945. Seu pai, Carlos Medeiros Silva, foi procurador geral da República, membro do Supremo Tribunal

Federal e ministro da Justiça. Advogado e jornalista, antes de ingressar na carreira parlamentar, Marcelo Medeiros foi assessor do governador da Guanabara, Negrão de Lima, de 1965 a 1971. Segundo depoimento do jornalista Paulo

Branco,<sup>41</sup> era a grande figura da “cozinha” de Chagas Freitas, mas terminou sendo preterido em favor de Miro Teixeira, que veio a se tornar o pretense sucessor do governador.

Marcelo Medeiros, assim como Miro Teixeira, foi lançado na política aos 25 anos, sob orientação e influência de Chagas Freitas. Em 1970, foi eleito pela primeira vez deputado federal, sendo o mais votado da Guanabara. Reelegeu-se em 1974, 1978 e 1982, quando encerrou sua carreira política.

Para entendermos o comportamento político de Marcelo Medeiros, a construção de seu discurso e das suas vinculações com o eleitorado, partimos para análise das colunas assinadas por ele no jornal *O Dia*. Diferentemente de Miro Teixeira, que desde junho aparecia no jornal, Marcelo Medeiros somente passou a assinar uma coluna a partir de outubro de 1970. Logo após as eleições, a coluna deixou de ser publicada, demonstrando claramente o uso da coluna como meio de divulgação da sua candidatura. No entanto, o espaço destinado pelo jornal à veiculação de seu nome era muito significativo. Às vésperas

das eleições, *O Dia* publicava, praticamente todos os dias, entrevistas e reportagens feitas por Marcelo Medeiros.

No período entre as eleições de 1970 e de 1974, a presença de Marcelo Medeiros no jornal tornou-se esporádica. Somente a partir de setembro de 1972, seus discursos proferidos na Câmara passaram a ser esporadicamente publicados. Nos meses de novembro e dezembro, *O Dia* passou a trazer diariamente em suas páginas entrevistas ou a transcrição dos discursos de Medeiros. Após nova fase de ausência, a partir de junho de 1973 os discursos de Marcelo voltaram a ser divulgados pelo jornal.

Na campanha eleitoral de 1974, a coluna de Marcelo Medeiros foi regularmente publicada de junho a novembro, tendo sua foto e nome em destaque, embora tivesse deixado de ser o principal candidato apoiado pelo jornal.

Analisaremos inicialmente a campanha eleitoral de 1970, centrando nossa análise nas colunas assinadas por Marcelo Medeiros e na forma como sua candidatura foi veiculada pelo jornal. Partiremos, depois, para o período entre as eleições, quando Marcelo passou a

---

<sup>41</sup>*Crônica Política do Rio de Janeiro*. p. 250.

falar como deputado federal, para, finalmente, analisarmos o pleito de 1974, no qual Marcelo sofreria uma queda eleitoral, sendo reeleito com metade da votação alcançada em 1970, marcando uma trajetória eleitoral inversa daquela de Miro Teixeira.

### **A campanha eleitoral de 1970**

Nosso objetivo aqui foi analisar como Marcelo Medeiros construiu seu discurso político, destacando sobre quais bases lançou a candidatura que alcançaria a surpreendente votação que fez dele o deputado federal mais votado da Guanabara. Vimos que seu público alvo no jornal *O Dia* era os trabalhadores, daí que as reivindicações trabalhistas constituíam o cerne do seu discurso eleitoral. Estabelecendo este dado, pretendemos analisar se no decorrer dos anos houve uma mudança do seu discurso, e se, com a conquista do mandato, sua linguagem e enfoque político se transformaram, passando a atingir novos setores da população.

Trabalhamos com as colunas assinadas por Marcelo de outubro a novembro de 1970, totalizando 33

colunas. Nessa campanha, constatamos que seu discurso apresentou-se ainda muito fragmentado, não havendo uma concentração em torno de determinada causa ou categoria profissional. Mas, se quisermos ressaltar um grupo que tenha merecido um destaque um pouco maior, temos que nos referir ao funcionalismo público, principalmente aos aposentados e pensionistas (ver tabela 3.4); defendeu a melhoria das pensões, e apoiou a campanha pela aposentadoria das professoras aos 25 anos de serviço.

Tão importante quanto as suas colunas foram as inúmeras reportagens que, ao longo da campanha eleitoral, foram sendo publicadas dando conta das atividades do candidato. A visibilidade da candidatura de Marcelo Medeiros proporcionada pelo jornal *O Dia* foi enorme. Percebemos então que o maior investimento de Chagas Freitas na campanha de 1970 foi direcionado para a sua candidatura. A coluna *Comandos em Ação*, que mencionamos anteriormente, serviria também como um meio de propaganda. Esta coluna, que durante este período não era assinada, passou durante a campanha a registrar as visitas de Marcelo Medeiros aos bairros, sempre

acompanhado por um candidato a deputado estadual. Através dessas colunas, Marcelo Medeiros incorporou ao seu discurso as reivindicações de diversas comunidades.<sup>42</sup> Marcelo recebia na redação do jornal comissões de moradores reivindicando melhorias urbanas para suas comunidades<sup>43</sup> e intermediava pleitos em nome de segmentos religiosos.<sup>44</sup>

Vemos então que as vinculações estabelecidas com o eleitorado por Marcelo Medeiros constituíam-se em relações tipicamente chaguistas, ao se sustentarem nas necessidades urbanas dos eleitores, ao representarem categorias profissionais específicas e, principalmente, pela forma de atuar politicamente, com ênfase no envolvimento pessoal e no diálogo estabelecido com as comunidades locais e representantes profissionais.

#### **Período entre eleições:**

Eleito deputado federal mais votado da Guanabara, com 112.283

votos, Marcelo Teixeira deixou de ser colunista do jornal *O Dia*. O deputado federal deixou de ser um nome constantemente citado nas matérias jornalísticas. Desde sua posse em 1971 até 1973 Medeiros somente apareceu no jornal de forma esporádica, dando entrevistas ou quando seus discursos proferidos na Câmara dos Deputados eram publicados.

Isolado em Brasília, longe dos problemas cotidianos da população carioca, Medeiros começou aos poucos a modificar seu discurso político. Durante esse período, não encontramos nenhuma preocupação por parte do deputado em divulgar reivindicações como ausência de calçamento ou deficiência do sistema de água e da rede de esgoto. Seu discurso passou cada vez mais a se identificar com as bandeiras levantadas pelas organizações sindicais. Suas entrevistas e discursos na Câmara giravam em torno das reivindicações trabalhistas. O aumento do custo de vida foi aos poucos assumindo um espaço relevante no leque de preocupações de Marcelo Medeiros, a ponto de ter se tornado nas eleições de 1974 seu principal mote eleitoral.

<sup>42</sup> "Principais reivindicações de moradores da Cidade de Deus" in *O Dia*, 23/07/70 p. 5.

<sup>43</sup> "Falta de água ainda é o maior problema da Rocinha" in *O Dia*, 06/10/70 p. 3.

<sup>44</sup> "Umbandistas dirigem apelo ao governo: Lei do silêncio" in *O Dia*, 05/06/70 p. 3; "Centros espíritas da Ilha recebem carinhosamente os seus defensores" in *O Dia*, 11/09/70 p. 3.

Dentre as entrevistas e discursos publicados no jornal *O Dia* durante esse período, selecionamos 38, dos quais o aumento do custo de vida, reivindicações trabalhistas e a situação dos aposentados foram os temas mais discutidos. (ver tabela 3.5) Esses três assuntos dominaram a retórica de Medeiros durante seu primeiro mandato. Foram cerca de 14 discursos criticando o aumento dos preços, e denunciando a disparidade entre o custo de vida e a política salarial. Trabalhando com os índices de aumento, e comparando-os com a elevação salarial, apontava a inflação como a mais grave falha da política econômica do governo federal. Reconhecendo no aumento da carne, dos remédios, dos aluguéis, os principais fatores do empobrecimento da classe trabalhadora, por sete vezes Medeiros defendeu os direitos dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e por melhores salários. Já a situação dos aposentados foi assunto de cerca de seis entrevistas ou discursos, com o deputado sempre insistindo na necessidade de uma remuneração mais justa para os trabalhadores.

Notamos que ao se transferir para Brasília para exercer seu mandato,

Marcelo Medeiros deu início a uma mudança no seu estilo político. Essa mudança se materializou nas eleições de 1974, quando percebemos a sofisticação do seu discurso político - Marcelo abandonou a política de comunidade, distanciou-se dos líderes locais e de seus apelos por uma bica d'água, calçamento e esgoto, passando a centrar seu discurso na análise da política econômica do governo.

### **Campanha eleitoral de 1974**

Trabalhamos com as entrevistas, discursos e colunas publicadas pelo jornal *O Dia* de junho a novembro de 1974, totalizando cerca de 95 textos. Desses, 60 tratavam do aumento dos preços, 15 referiam-se à situação dos aposentados, nove discutiam a questão habitacional, com o deputado criticando o aumento das prestações das mensalidades das casa do Plano Nacional de Habitação e a elevação dos aluguéis. (ver tabela 3.6)

As reivindicações trabalhistas e locais não foram discutidas por Marcelo Medeiros nesta campanha. O atendimento às demandas populares, oriundas dos setores profissionais específicos ou de comunidades carentes de serviço público,

que revestiam o discurso político e o estilo de fazer política chaguista, cederam espaço para um discurso mais crítico em relação à situação econômica do país.

A orientação econômica que vinha sendo seguida pelo governo federal nos últimos 10 anos passou a sofrer constantes ataques do deputado federal. Tanto na tribuna quanto nas páginas do jornal *O Dia*, Marcelo Medeiros passou a exigir uma mudança da política econômica, acusando o governo federal de implementar uma política que estava tirando de quem não tinha em favor de quem tinha mais,<sup>45</sup> demonstrando uma grande preocupação com o custo de vida, que influiu diretamente na perda do poder aquisitivo dos trabalhadores.

O deputado afirmava que os 120 mil votos que o elegeram em 1970 lhe davam legitimidade para exigir do governo uma política econômica cujo objetivo fosse o homem. Em umas das suas colunas, afirmou que

*"o preço do desenvolvimento não pode ser nunca o custo de vida como nos quer fazer acreditar a propaganda do governo federal. Não se pode impor ao povo*

*brasileiro, sob qualquer justificativa, o sacrifício de não participar dos benefícios, das vantagens e das alegrias do progresso e desenvolvimento."*<sup>46</sup>

Em outra, denunciava que o suor do trabalhador pagava o desenvolvimento,<sup>47</sup> pois enquanto o custo de vida havia subido 1700%, os salários apenas 743%.<sup>48</sup> O custo de vida esmagava o assalariado,<sup>49</sup> já que em pouco mais de 10 anos o trabalhador havia passado a trabalhar quase o dobro para ganhar quase a metade.

A questão habitacional, outro tema discutido por Marcelo nesta campanha, também encontrava-se associada à preocupação do deputado em relação ao custo de vida. Criticava o aumento das prestações e as péssimas condições dos conjuntos habitacionais, alegando ser o aumento dos aluguéis um dos fatores do crescimento do custo de vida.

Os aposentados e pensionistas foram o grupo mais defendido por Marcelo. O deputado reivindicava o

<sup>45</sup> "Trabalhadores já trocaram almoço por simples lanche" in *O Dia*, 16/10/74 p. 7.

<sup>46</sup> "Não é justo sacrificar tantos para privilégios de uns poucos" in *O Dia*, 09/10/74 p. 6.

<sup>47</sup> "Suor dos trabalhadores paga o desenvolvimento" in *O Dia*, 06.07/10/74 p. 6.

<sup>48</sup> In *O Dia*, 03/10/74 p. 06.

<sup>49</sup> "Custo do desenvolvimento esmagando o assalariado" in *O Dia*, 04/10/74 p. 06.

aumento das pensões, para que os pensionistas pudessem viver mais dignamente. A aposentadoria especial para a mulher aos 25 anos de serviço continuou sendo uma das bandeiras defendidas nesta campanha.

Constatamos que o estilo político de Marcelo Medeiros foi se modificando desde sua primeira eleição. O deputado, descrito por Paulo Branco como o grande homem da “cozinha” de Chagas Freitas,

em 1970 construiu seu discurso eleitoral trabalhando temas populares, visitando comunidades, abordando questões trabalhistas. Ao receber de Chagas e do jornal *O Dia* um enorme investimento, tornou-se o candidato do MDB com maior projeção naquela eleição. Em 1974, apresentou-se como um político distante da realidade cotidiana do Rio de Janeiro, mais preocupado com a situação econômica do país.

**Tabela 3.4 Temas abordados pelas colunas de Marcelo Medeiros (outubro-novembro/1970)**

<b>Funcionalismo Público</b>	5
<b>Pensionistas</b>	5
<b>Comerciárias</b>	4
<b>Aposentadoria das Professoras aos 25 anos de serviço</b>	3
<b>Alta do custo de vida</b>	2
<b>Trânsito</b>	2
<b>Gorjeta de 10% inclusa na nota</b>	2
<b>Adicional de insalubridade</b>	2
<b>Operários da construção civil</b>	1
<b>Taxistas</b>	1
<b>Inquilinos</b>	1
<b>Outros</b>	5

Tabela 3.5 Reportagens e discursos de Marcelo Medeiros (1972-73)

<b>Alto custo de vida</b>	15
<b>Reivindicações trabalhistas</b>	7
<b>Aposentados</b>	6
<b>Questão Habitacional</b>	2
<b>Acervo histórico</b>	2
<b>Umbanda</b>	1
<b>Dever do parlamentar</b>	1
<b>Atendimento no INPS</b>	1
<b>Transporte coletivo</b>	1
<b>Crescimento econômico na GB</b>	1
<b>Aposentadoria da mulher aos 25 anos de serviço</b>	1

Tabela 3.6. Discursos e colunas de Marcelo Medeiros (junho-novembro 1974)

<b>Alto custo de vida</b>	
<b>Preços altos</b>	43
<b>Disparidade entre salário e alta dos preços</b>	5
<b>Crítica a política salarial</b>	3
<b>Custo do desenvolvimento esmaga trabalhador</b>	3
<b>Poder aquisitivo</b>	3
<b>Governo esconde alta da inflação</b>	2
<b>Tabelamento de preços</b>	1
<b>Total</b>	60
<b>Aposentadoria</b>	
<b>Aumento das pensões</b>	7
<b>Aposentadoria mulher aos 25 anos de serviço e homem aos 30 anos de serviço</b>	5
<b>Tempo para aposentadoria</b>	3
<b>Total</b>	15
<b>Questão habitacional</b>	
<b>Prestações do BNH</b>	7
<b>Lei do Inquilinato</b>	2
<b>Atendimento no INPS</b>	
<b>Outros</b>	7

### 3.3) Colunas de Sandra Salim

Sandra Raggio Salim, professora, jornalista, advogada e funcionária pública, iniciou sua carreira política na eleição estadual de 1974. Sandra era filha de Nelson José Salim, jornalista d'*O Dia* e vereador no Distrito Federal em 1958 (Partido Social Progressista), e deputado estadual da Guanabara em 1962 (Partido Social Trabalhista), que fez parte do grupo formado por antigos pessepistas, seguidores da liderança de Chagas Freitas desde 1950, e que vieram a constituir o núcleo inicial da corrente chaguista.

Mesmo tendo se lançado na política aos 25 anos e como colunista d'*O Dia* (assim como Miro Teixeira e Marcelo Medeiros), a inserção de Sandra Salim na política carioca se diferenciava pelo fato de ter sido respaldada pela herança política de seu pai, político conhecido pela sua defesa dos direitos trabalhistas.

Uma outra marca que diferenciava a postura de Sandra da de seus dois companheiros de partido, era o fato de ela fazer uso político da sua formação de professora, do exercício da advocacia e da sua experiência como funcionária pública, se colocando como representante dessas

categorias nos artigos que escrevia para o jornal. Apesar de Miro e Marcelo discursarem para o mesmo público, eles não se apresentavam enquanto membros das categorias que defendiam, atitude tomada por Sandra.

Sandra, como Miro e Marcelo, fez do jornal *O Dia* seu principal meio de penetração na camadas populares. Assinava duas colunas diárias: em uma primeira, abordava temas trabalhistas, principalmente reivindicações de reajuste salarial, e na outra, chamada Comandos em Ação, relatava as dificuldades e necessidades de bairros carentes da cidade. Para fazer essas denúncias, Sandra visitava bairros e favelas cariocas, conversava com seus moradores que indicavam e mostravam os principais problemas da área. Essas visitas eram feitas diariamente, e representavam a oportunidade da candidata dialogar diretamente com a população e seus problemas.

Como nos casos de Miro e Marcelo, pretendemos analisar as colunas de Sandra Salim visando a identificar os laços políticos estabelecidos com o eleitorado carioca. Pretendemos identificar sobre quais bases se constituiu

o discurso que mobilizava o eleitorado, a ponto de Sandra ter sido a deputada estadual mais votada da Guanabara em sua primeira eleição em 1974.

Uma de suas colunas tinha o mesmo perfil da de Miro Teixeira, na qual ela dava voz às reivindicações trabalhistas, principalmente de trabalhadores do setor de prestação de serviços. Esta começou a ser publicada, semanalmente, em novembro de 1971, passando a ter a periodicidade diária somente em 1973. A outra coluna, Comandos em Ação, era uma coluna fixa há vários anos, quando, a partir de agosto de 1972, Sandra passou a ser a responsável pelas suas reportagens.

### **Período pré-eleitoral**

Das 150 colunas analisadas entre 1971 e 1973, 88 defendiam as reivindicações trabalhistas, principalmente as campanhas por reajuste salarial, a instituição das férias de 30 dias, o adicional de insalubridade e o salário-família para a esposa, divulgando também o julgamento de dissídios coletivos de diversas categorias profissionais. Em segundo lugar aparecia a crítica do alto do custo de vida, principalmente o aumento

dos preços dos remédios, alimentos e aluguel. (ver tabelas 3.7 a e 3.7 b)

O discurso de Sandra atingia a um diversificado grupo de profissionais. Entre os mais defendidos estavam as comerciárias, os motoristas e trocadores de ônibus, os servidores públicos, os marítimos, as professoras e os taxistas. Para todos, a jornalista reivindicava melhoria salarial. Determinadas categorias possuíam demandas mais específicas, como as das comerciárias que lutavam pelo não estabelecimento do horário livre para funcionamento do comércio e por férias de 30 dias;<sup>50</sup> os motoristas e trocadores de ônibus que reivindicavam a fixação de um horário para as refeições;<sup>51</sup> e os marítimos que requeriam adicional de insalubridade<sup>52</sup>. Referindo-se aos trabalhadores de todos os ramos de atividade como "profissionais dos mais sacrificados", pertencentes à "laboriosa classe", Sandra apoiava e divulgava as campanhas empreendidas pelos sindicatos, sempre afirmando que "prestava solidariedade às justas reivindicações dos trabalhadores". Em razão dos temas da

<sup>50</sup> "Comerciários não são escravos" in *O Dia*, 05.06/11/71 p. 03.

<sup>51</sup> "Motorista de ônibus um sacrificado" in *O Dia*, 11/07/72 p. 03.

sua coluna, e da forma como a jornalista escrevia, percebemos que era através da defesa dos trabalhadores que Sandra pretendia formar seu eleitorado.

### A campanha eleitoral de 1974

Para a análise da campanha eleitoral de Sandra Salim, trabalhamos com suas colunas publicadas de junho a novembro de 1974. Foram analisadas 125 colunas, das quais 84 tratavam de questões trabalhistas. Reivindicações de garantia de férias, adicional por tempo de serviço ou por insalubridade, contagem do tempo para aposentadoria e, principalmente, reajuste salarial foram os temas recorrentes ao longo desse período. As colunas funcionavam como um painel das reivindicações trabalhistas, sendo o salário dos trabalhadores sua maior preocupação. Quase que diariamente, Sandra escrevia em defesa das categorias profissionais que reivindicavam aumento salarial e melhores condições de trabalho. (ver tabela 3.8)

Os profissionais que mais receberam atenção e destaque nas suas colunas foram: os funcionários públicos;

comerciários; trabalhadores de hotéis; restaurantes e bares; taxistas; metalúrgicos e trabalhadores em edifícios.<sup>53</sup> Outras categorias também tinham seus interesses defendidos por Sandra, como os marceneiros, bancários, tecelões, moageiros e pedreiros.

Os taxistas e os trabalhadores de hotéis, restaurantes e bares foram alvos de intensa campanha promovida pela candidata Sandra Salim. A candidata do MDB apoiava integralmente as reivindicações dos taxistas, como o abolição do uso da gravata, e criticava o projeto que determina a concessão de duas mil novas autonomias para motoristas de táxi, pois considerava que a oferta de táxis no mercado já era maior que a procura.<sup>54</sup> Outras de suas campanhas foi a promovida em favor da aprovação do projeto que estabelecia a gorjeta obrigatória de 10% para os garçons,<sup>55</sup> colocando-se assim ao lado do

<sup>53</sup> "O aumento dos comerciários" in: *O Dia*, 01.06.1974, p. 03.

"Trabalhadores de hotéis, bares e restaurantes" in: *O Dia*, 11.06.1974, p. 03.

"Reivindicação salarial para marceneiros" in: *O Dia*, 28.06.1974, p. 03.

"Barbeiros e cabeleireiros" in: *O Dia*, 02.07.1974, p. 03.

<sup>54</sup> "Motoristas de táxis" in: *O Dia*, 31.07.1974, p. 03.

<sup>55</sup> "Trabalhadores de hotéis, bares e restaurantes" in: *O Dia*, 11.06.1974, p. 03.

<sup>52</sup> "Marítimos" in *O Dia*, 11/03/73 p. 03.

candidato Miro Teixeira, também defensor dos taxistas e da "gorjeta obrigatória".

As aposentadorias foram outro item do discurso eleitoral de Salim muito enfatizado, sendo discutido em cerca de 17 colunas. Criticando principalmente seus baixos valores, a candidata empenhou-se também na campanha pela aposentadoria da mulher aos 25 anos de serviço e pela inserção do tempo de serviço computado em empresas privadas na contagem do tempo para aposentadoria do funcionário público.<sup>56</sup>

Às vésperas das eleições, Sandra Salim centrou seu discurso na defesa dos servidores públicos. A jornalista mostrava-se preocupada com a situação dos servidores estaduais após a fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro, principalmente com a possibilidade de perdas salariais dos servidores da Guanabara que viessem a ser transferidos para municípios distantes. No entanto, o tema sobre o qual Sandra Salim escrevia quase que diariamente era o do aumento salarial para os servidores estaduais. Em matérias intituladas

"Servidores da GB clamam pelo aumento",<sup>57</sup> "Dramático apelo dos servidores da GB",<sup>58</sup> "Servidores da GB confiam no aumento"<sup>59</sup> e "Onde está o aumento dos servidores?"<sup>60</sup> reivindicava o reajuste do salário dos servidores estaduais da Guanabara e questionava o silêncio dos parlamentares que não reclamavam pelo envio da mensagem de aumento ao governador.

Nesse período, Sandra Salim também se empenhou na denúncia do alto custo de vida,<sup>61</sup> tema este muito debatido pelos candidatos do MDB. Tanto os candidatos estaduais quanto os federais — Miro Teixeira e Marcelo Medeiros foram os mais enfáticos nesse assunto — assumiram este mote principalmente durante o mês de outubro de 1974. Esta discussão chegava aos editoriais do jornal *O Dia*,<sup>62</sup> que afirmou em um deles que a política econômica do governo federal

<sup>56</sup> "Aposentados e pensionistas do INPS" in: *O Dia*, 24.07.1974, p. 03.

"Mulheres contra amigos da onça" in: *O Dia*, 08.11.1974, p. 03.

<sup>57</sup> Coluna de Sandra Salim in: *O Dia*, 10.10.1974, p. 03.

<sup>58</sup> Coluna de Sandra Salim in: *O Dia*, 11.10.1974, p. 03.

<sup>59</sup> Coluna de Sandra Salim in: *O Dia*, 12.10.1974, p. 03.

<sup>60</sup> Coluna de Sandra Salim in: *O Dia*, 13/14.10.1974, p. 03.

<sup>61</sup> "Absurdo novo aumento do óleo" in: *O Dia*, 22/23.09.1974, p. 03.

"Custo de vida sacrifica donas de casa" in: *O Dia*, 20/21.10.1974, p. 03.

"fabrica um bolo bem confeitado para um pequeno número de privilegiados."<sup>63</sup> Segundo índices da Fundação Getúlio Vargas, publicados pelo jornal, o custo de vida na GB subira 27,3% e o de alimentação 34,7% no ano de 1974.<sup>64</sup>

Trabalharemos agora com o segundo canal de comunicação de Sandra com o eleitorado, a coluna Comandos em Ação, cuja as reportagens percorreriam inúmeros bairros da Guanabara, principalmente os da zona norte e oeste (ver tabela 3.9). Dentre os mais visitados estavam Penha, Olaria, Irajá, Guadalupe, Lins de Vasconcelos, Piedade, Jacarepaguá e Realengo. A candidata Sandra Salim marcava sua presença em todas as visitas, sempre acompanhada por seu companheiro de partido Miro Teixeira, candidato a reeleição para deputado federal. Foram muitos os problemas registrados por essas reportagens, sendo eles basicamente produtos da deficiente urbanização da cidade. A falta de pavimentação das ruas e calçadas, o precário número de passarelas

e de policiamento, ausência de rede de esgoto e de coleta de lixo, insuficiência da iluminação e sinalização das ruas, falta de transporte coletivo, e sobretudo, a precariedade do abastecimento de água, foram temas recorrentes nas colunas dos Comandos em Ação.<sup>65</sup> O problema da falta d' água consistia numa dura e cotidiana realidade da população da Guanabara. Praticamente em todos os bairros visitados, o abastecimento de água não correspondia às necessidades dos moradores, constando assim sempre na pauta de reivindicações apresentada nos encontros com a equipe de reportagem de Sandra Salim.<sup>66</sup> (ver tabela 3.9)

Constatamos que o perfil da coluna de Sandra Salim definia-se pela defesa dos interesses dos trabalhadores, sobretudo os de baixa qualificação, centrando seu enfoque no reajuste salarial, tema de enorme apelo popular e capaz de

<sup>62</sup> "Salário já não dá nem pra comer" in: *O Dia*, 22.10.1974, p. 02.

<sup>63</sup> "Salários que já não valem três vinténs" in: *O Dia*, 17.10.1974, p. 02.

<sup>64</sup> "Impõe-se um abono geral a quem vive de salários" in: *O Dia*, 13/14.10.1974, p. 02.

<sup>65</sup> "Comandos em Ação- Lins de Vasconcelos reclama asfalto e iluminação" in: *O Dia*, 01.06.1974, p. 03.

"Comandos em Ação- Piedade pede limpeza" in: *O Dia*, 07.06.1974, p. 03.

"Comandos em Ação- Penha reclama urbanização e água" in: *O Dia*, 31.08.1974, p. 03.

<sup>66</sup> "Comandos em Ação- moradores da Penha estão sem água desde outubro" in: *O Dia*, 08.08.1974, p. 05.

"Comandos em Ação- Irajá reclama falta de água há 1 ano" in: *O Dia*, 18.10.1974, p. 06.

promover um movimento de mobilização desses trabalhadores em torno da sua candidatura à deputada estadual. Outra característica da coluna, que talvez possamos relacionar como um dos elementos que reforçaram essa identificação, era o fato de prestar um serviço aos trabalhadores ao veicular os informes sobre suas organizações classistas. A divulgação de assembléias ou encontros de classe, assim como da pauta de discussão, ou mesmo circulares contendo decisões do sindicato, eram com frequência publicadas nas colunas do jornal.<sup>67</sup>

A coluna de Sandra também possuía uma função de veículo para as críticas aos constantes aumentos dos aluguéis e dos gêneros alimentícios de primeira necessidade e aos baixos valores das aposentadorias. A jornalista criava uma interação com os leitores, que motivados pelos artigos, escreviam cartas para a colunista, nas quais concordavam com suas críticas, elogiavam seu trabalho

ou mesmo agradeciam o apoio a determinada causa.

Fazendo uso de uma linguagem também popular, Sandra demonstrava ter bom conhecimento das condições de trabalho e dos problemas enfrentados pelos trabalhadores. Expressões como "vemos com muita simpatia as reivindicações",<sup>68</sup> "essa laboriosa classe",<sup>69</sup> "categorias das mais sacrificadas",<sup>70</sup> denotavam sua intenção de demonstrar preocupação e respeito pela classe trabalhadora e reforçavam os vínculos estabelecidos com os leitores.

Essa interação dos leitores com a colunista, uma vinculação jornalística que se refletiu em resultados eleitorais, pode ser exemplificada concretamente através das cartas dos leitores enviadas para a jornalista-candidata. Muitas delas manifestavam apoio às campanhas defendidas por Salim e outras enaltecendo o trabalho dos "*Comandos em Ação*" e sua luta pelos direitos e interesses dos trabalhadores.

<sup>67</sup> "Cabineiros de elevador" in: *O Dia*, 20.06.1974, p. 03.

"Servidores em congresso" in: *O Dia*, 10.07.1974, p. 03.

"Associação de estivadores aposentados" in: *O Dia*, 06.09.1974, p. 03.

<sup>68</sup> "Ferroviários" in: *O Dia*, 03.07.1974, p. 03.

"Joalheiros" in: *O Dia*, 16.07.1974, p. 03.

"O aumento dos comerciários" in: *O Dia*, 17.07.1974, p. 03.

<sup>69</sup> "Porteiros de edificios" in: *O Dia*, 11.07.1974, p. 03.

<sup>70</sup> *Idem*.

*"(...) É uma dádiva eterna que toda essa gente boa e humilde deve à V. S<sup>a</sup>. Não é fácil entrar na favela, subir em morros, enfrentar as feras humanas em defesa da coletividade. Somente a jornalista Sandra Salim não mede sacrifícios para minorar o sofrimento de milhares de corações brasileiros que vivem e lutam em busca de um dia melhor. Sua coluna no jornal O Dia é magnífica e extraordinária, lida e apreciada por muitos que lhe confiam e lhe querem bem. V.S<sup>a</sup> é uma bondade personificada, nasceu mesmo para educar e instruir a novas pessoas que se formam, que se preparam para a defesa da pátria. Considero-a a advogada dos necessitados, dos que enfrentam a toda sorte de humilhações. A professora Sandra talvez tenha o coração maior que o seu próprio corpo. Todos os seus alunos, trabalhadores de todas as classes, pensionistas do IPASE, ativos e inativos do INPS, correrão às urnas para sufragarem o seu nome. Deus há de protegê-la livrando-a sempre de todos os males."*<sup>71</sup>

Ou a do motorista de táxi declarando a sua intenção de voto:

*"No ponto em que eu trabalho todos os motoristas vão votar na senhora para deputado estadual e no seu amigo Miro Teixeira para deputado federal."*<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Cartas do leitor in: *O Dia*, 18/19.08.1974, p. 03.

Sandra Salim, identificada pelo *O Dia* e pela população como "defensora dos humildes" e "protetora dos necessitados",<sup>73</sup> em sua última coluna antes das eleições de 15 de novembro de 1974, intitulada "Amanhã é a vez do Pobre", escreveu que os trabalhadores diriam não através do voto, ao lembrarem da fila do INPS e da lei do Inquilinato, e também que os pensionistas perdiam 50% de seus proventos ao se aposentarem, ou mesmo que o projeto de aposentadoria para mulher aos 25 anos de serviço havia sido reprovado.<sup>74</sup>

Observando os resultados das eleições da Guanabara de 1974, podemos encaminhar a hipótese de que os trabalhadores realmente disseram não aos candidatos da Arena, lembrando-se nas urnas, de quem em suas colunas defendia seus interesses trabalhistas e reclamava melhorias para seus bairros.

<sup>72</sup> Cartas do leitor in: *O Dia*, 03.09.1974, p. 03.

<sup>73</sup> "Sandra Salim e Miro Teixeira falam hoje às 13h 30 min. na tv" in: *O Dia*, 12.11.1974, p. 03.

<sup>74</sup> Cartas do leitor in: *O Dia*, 14.11.1974, p. 03.

**Tabela 3.7a** Temas abordados pelas colunas de Sandra Salim (publicadas entre 1971 e 1973)

<b>Alto custo de vida</b>	14
<b>Funcionalismo público</b>	8
<b>Aposentadoria</b>	7
<b>Questão habitacional</b>	6
<b>Trânsito</b>	4
<b>Escola</b>	3
<b>Transporte ferroviário</b>	3
<b>Atendimento no INPS</b>	2
<b>Água para Rocinha</b>	1
<b>Outros</b>	14

**Tabela 3.7b Principais temáticas relacionadas às reivindicações trabalhistas abordados pelas colunas de Sandra Salim (publicadas entre 1971 e 1973)**

<b>Reivindicações Trabalhistas</b>	
Comerciários	16
Motoristas de ônibus	12
Marítimos	6
Taxistas	4
Professoras	4
Alfaiates	3
Garçom	3
Metalúrgicos	3
Trabalhadores em edifício	3
Feirantes	3
Acidentes de trabalho	3
Trabalhadores em bares	2
Guardas bancários	2
Bancários	2
Pessoal de Laboratório	2
Ferrovários	2
Farmacêuticos	2
Garis	2
Marceneiros	2
Jornaleiros	1
Mecânicos	1
Joalheiros	1
Domésticas	1
Tecelões	1
Químicos	1
Contínuos	1
Cabineiros	1
Trabalhadores/ bebidas	1
Pessoal de massas e biscoitos	1
Modificação CLT	1
Insalubridade	1
<b>Total</b>	<b>88</b>

**Tabela 3.8 Principais temáticas relacionadas às reivindicações trabalhistas abordados pelas colunas de Sandra Salim (publicadas de junho a novembro de 1974)**

<b>Reivindicações Trabalhistas</b>	
Funcionalismo Público	19
Comerciários	9
Trabalhadores em hotéis e bares	9
Taxistas	6
Metalúrgicos	5
Trabalhadores em edifícios	5
Marceneiros	4
Bancários	3
Tecelões	3
Moageiros	2
Motoristas de ônibus	2
Operários de obras	2
Barbeiros e manicures	2
Músicos	1
Cabineiros	1
Trabalhadores Cia de Limpeza	1
Ferrovários	1
Joalheiros	1
Rodoviários	1
Marítimos	1
Telefonistas	1
Pessoal de posto de gasolina	1
Aeroviários	1
Carteiros	1
Assembléia estivadores	1
Assembléia cabeleireiros	1
<b>Total</b>	<b>84</b>
<b>Aumento do custo de vida</b>	
Alimentos	5
Aluguel	4
<b>Aposentados e pensionistas</b>	<b>17</b>
<b>Outros</b>	<b>15</b>

**Tabela 3.9 : Levantamento das colunas Comandos em Ação (junho-novembro/1974)**

Bairros mais visitados pela reportagem "Comandos em Ação"		Principais reivindicações dos moradores	
Penha	7	Água	51
Realengo	5	Urbanização (calçamento, pavimentação de ruas)	45
Irajá	5	Saneamento / coleta de lixo	32
Lins de Vasconcelos	4	Iluminação	15
Piedade	4	Passarelas	12
Jacarepaguá	4	Condução	6
Guadalupe	4	abrigo nos pontos de ônibus	3
Olaria	4	Sinalização	3
Cavalcante	3		
Vigário Geral	2		
Méier	2		
Fazenda Botafogo	2		
Vaz Lobo	2		
Magalhães Bastos	2		
Santa Cruz	2		
Quintino	2		
Bonsucesso	2		
São Conrado	2		
Cordovil	2		
Engenho Novo	2		
Ricardo de Albuquerque	2		
Padre Miguel	2		
Nova Anchieta	2		
Acari	2		
Cascadura	2		
Pilares	2		
Padre Miguel	2		
Outros bairros: Marechal Hermes, Honório Gurgel, Vista Alegre, Parada de Lucas, Ilha, Deodoro, Abolição, Del Castilho, Madureira, Rio Comprido, Praça do Carmo, Coelho Neto, Marechal Hermes, Campo Grande, Bento Ribeiro, Mangueira, Santa Teresa, Vicente de Carvalho, Brás de Pina, Água Santa, Copacabana, Engenheiro Leal, Sulacap, Rocha Miranda, Cidade de Deus.			

## Conclusão

Buscamos nesse trabalho analisar o chaguismo em sua fase de ascensão no cenário político carioca, a fim de identificarmos o discurso e a prática política que fundamentavam os laços políticos estabelecidos entre os políticos chaguistas e o eleitorado. Através da trajetória política de Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim pudemos verificar quais foram as formas de relacionamento instituídas com o eleitorado.

Segundo Rogério Coelho Neto, "Chagas (...) percebeu que podia dar o grande salto político da sua carreira, fazendo do jornal o ponto principal de apoio das suas campanhas."<sup>75</sup> Ao trabalharmos com o jornal *O Dia* como nossa principal fonte para o conhecimento do discurso chaguista, fomos induzidos a concordar com ele. Percebemos que *O Dia* assegurava ao chaguismo uma visibilidade privilegiada dentro de uma conjuntura política extremamente restritiva à propaganda política.

Foi através de *O Dia* que pudemos identificar os principais elementos que compunham a prática política chaguista. Miro Teixeira, Marcelo Medeiros e Sandra Salim foram os elementos que fizeram o discurso político ecoar na população, transformando o chaguismo numa poderosa força política e eleitoral da década de 1970.

Os fatores que fundamentavam as vinculações estabelecidas entre os chaguistas e o eleitorado foram sobretudo as reivindicações locais e as reivindicações trabalhistas. Constatamos que o discurso chaguista se pautava na retórica da escassez. Os políticos sempre trabalhavam com a carência da população, fosse ela referente às condições mínimas de urbanização ou à ausência de garantias e direitos trabalhistas.

A prática política chaguista personificava-se no discurso da escassez e no discurso corporativo, sendo a política de bairro e a negociação com categorias profissionais as bases que sustentavam a identificação da população com a corrente chaguista. Entendemos a força eleitoral dos políticos chaguistas como produto dessas vinculações estabelecidas com a sociedade civil, acreditando assim que as

<sup>75</sup> Crônica política do Rio de Janeiro, p. 226.

votações dos chaguistas reproduziam o grau de satisfação de determinadas comunidades ou categorias profissionais que viam seus interesses serem por eles defendidos.

Políticos como Miro Teixeira e Sandra Salim eram vistos pelos moradores de áreas carentes de serviços públicos como intermediários entre a comunidade e a administração estadual. Reforçando essa idéia, a socióloga Eli Diniz afirmou que esta visão do político como porta voz da população também era compartilhada pelos próprios políticos do MDB:

*"Tanto entre os integrantes da corrente chaguista na Assembléia Legislativa, quanto entre seus representantes na Câmara Federal, tende a prevalecer a auto-identificação como intérprete de interesses locais, ficando em segundo plano ou mesmo totalmente obscurecida a condição do parlamentar enquanto ator relevante da arena política nacional."*<sup>76</sup>

Entrando em contato direto com a população e seus problemas, Sandra Salim e Miro Teixeira verificavam pessoalmente as dificuldades dos bairros, cristalizando o compromisso, firmado em suas colunas,

de defesa dos interesses dos trabalhadores. A presença de um político no bairro, sua disposição em andar pelas ruas esburacadas e mal iluminadas, como também a atenção dispensada em ouvir suas queixas, tornava ainda mais concreto o vínculo anteriormente estabelecido através das colunas no jornal. Vínculo este que se consolidava a ponto de se transformar numa relação de confiança, que vimos reproduzida em votos na hora das eleições.

Ao analisarmos a trajetória política de Miro, Medeiros e Sandra de 1970 a 1974, constatamos que embora a presença destes em *O Dia* fosse fundamental para um bom resultado eleitoral, a associação entre o político e a realidade cotidiana da Guanabara foi indispensável para a identificação efetiva entre candidato e eleitor.

Medeiros, considerado "a grande figura da cozinha de Chagas", lançou-se na política como o maior investimento do jornal *O Dia*, sendo eleito em 1970 como o deputado federal mais votado da Guanabara. Tendo feito uma campanha eleitoral na qual seu foco principal foram as reivindicações classistas, veiculava em suas colunas assuntos do interesse do

<sup>76</sup> Diniz, Eli op. cit. pp. 129.

funcionalismo público. No entanto, ao ser eleito, transferiu-se para Brasília, afastando-se dessa política de defesa de categorias profissionais. Isolado no Planalto Central, deixou de fazer reportagens e de se encontrar com comissões de moradores que requeriam melhorias para seus bairros. Assumindo o mandato, Marcelo Medeiros deixou de atuar como o jornalista que defendia e gritava pelos interesses locais, para assumir uma postura e um discurso mais político, e sobretudo mais crítico em relação aos rumos da política nacional. Pautando seu discurso eleitoral no pleito de 1974 na alta do custo de vida, e proferindo veementes discursos na Câmara Federal contra a política econômica adotada pelo governo federal, Medeiros sentiu as consequências de ter se afastado do estilo chaguista ao ser eleito com metade da votação obtida em 1970.

Já Miro Teixeira trilhou de certa forma o caminho inverso. Lançando-se na disputa eleitoral, em 1970, como apenas mais um entre tantos políticos chaguistas, foi o nono deputado federal eleito entre 13 do MDB. Sua campanha baseou-se nas suas colunas diárias em *O Dia*, através das

quais veiculava campanhas em defesa de reivindicações bairristas. Mesmo depois de eleito, manteve-se em evidência no jornal, sempre realizando reportagens e visitas às comunidades carentes da cidade. Ao contrário de Marcelo Medeiros, que sofisticara seu discurso e se afastara da política local, Miro manteve sua linguagem popular, seu diálogo com a população carioca e seus problemas, e, o mais importante, diversificou seu discurso, assumindo as reivindicações trabalhistas como temas de campanha. Associamos essa diferença entre a postura de Medeiros e a de Miro com o esvaziamento do potencial político-eleitoral do primeiro, ocorrido após a eleição de 1970, e com o conseqüente crescimento da força política de Miro Teixeira.

Ao trabalhar as características do estilo político chaguista, identificando algumas das principais vinculações estabelecidas entre os chaguistas e o eleitorado, não pretendemos esgotar a análise desse fenômeno político carioca, que estruturou relações de poder no tecido social e político da Guanabara. Neste texto, nos propusemos a levantar questões e a formular possíveis respostas para o entendimento desse movimento

político, ainda aberto a novas  
investigações.

## BIBLIOGRAFIA:

### I-DEPOIMENTO ORAL:

Francisco de Melo Franco. *Depoimento-1992*. Rio de Janeiro, CPDOC/FVG-História Oral, 1992.

### II- PERIÓDICO:

Jornal *O Dia* (1969-1974)

### III- LIVROS e ARTIGOS:

BOURDIEU, Pierre. "A representação política. Elementos para uma teoria do campo político". In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. "Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo : Uma Discussão Conceitual". In DADOS – Revista de Ciências Sociais. RJ: vol. 40, n.º 2, 1997, pp. 229 a 250.

COUTTO, Francisco Pedro do. *O voto e o povo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

*Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, 1930-83*, coordenado por Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro, Forense/CPDOC/FINEP, 1984.

DINIZ, Eli. "A transição política no Brasil: uma reavaliação da dinâmica da abertura". In: DADOS Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, XXVIII (3): 329-346, 1985.

\_\_\_\_\_. "Máquinas Políticas e oposição: o MDB no Rio de Janeiro". In: DADOS: revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 23, n.3, 1980.

\_\_\_\_\_. *Voto e máquina política. Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

DUVERGER, Maurice. *Os partidos políticos*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

FERREIRA, Marieta de Moraes( coord.) *Crônica política do Rio de Janeiro*. Rio de JANEIRO, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HIPPOLITO, Lucia. *PSD de raposas e reformistas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

KINZO, Maria D'Alva Gil. *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB 1966/1979*. São Paulo, Vértice editora revista dos Tribunais, 1988.

LAMOUNIER, Bolivar e CARDOSO, F. H. *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

LAMOUNIER, Bolivar. *Voto de desconfiança - Eleições e Mudança Política no Brasil: 1970-1979*. São Paulo, Vozes, 1980.

LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo, Alfa-Omega, 1975.

MDB em ação nos comícios, rádio e televisão - Democracia com desenvolvimento e justiça social. s/d.

MOTTA, Marly Silva da. "O chaguismo e a construção do estado da Guanabara". Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional de História Oral em Recife 1997.

NERY, Sebastião. *As 16 derrotadas que abalaram o Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

PEDRO, Erasmo Martins. Coord. Marly Silva da Motta. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, ( vol. III da série conversando sobre política).

PICALUGA, Izabel Fontenelle. "Notas Preliminares para um estudo do chaguismo". Contraponto, Rio de Janeiro, 4 ( 4): 76, jan./jun. 1980

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, FGV/UFRJ, 1996.

*Revista Brasileira de estudos políticos*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1976. nº 43

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. "Governadores-políticos, governadores-técnicos, governadores-militares". In: DADOS, 8, 1971.

SARMENTO, Carlos Eduardo. (Org.) *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1999.

SIMON, Pedro. *MDB: uma opção democrática*. Rio Grande do Sul, LPM Editores, 1976

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. RJ: Paz e Terra, 1988.

SORJ, Beranardo e ALMEIDA, Maria Hermínia T. de. *Sociedade e política no Brasil pós-64*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1983.

TSE - Dados estatísticos ( 8º volume): eleições federais e estaduais realizadas no Brasil em 1965 e 1966. Departamento de Imprensa Nacional, 1971.

TSE - Dados estatísticos( 9º volume): eleições federais e estaduais realizadas no Brasil em 1970. Departamento de Imprensa Nacional, 1973.

TSE - Dados estatísticos(11º volume): eleições federais e estaduais

realizadas no Brasil em 1974.

Departamento de Imprensa Nacional, 1977.